

# DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

GARGANTAS  
DILACERADAS



L P BACAN



# **GARGANTAS DILACERADAS**

**L P Baçan**



**Edição Eletrônica: L P Baçan**

**All rights reserved**

**Copyright © 2017 do Autor**

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.**

**Venda Proibida.**

**2017**

## livro dois

# GARGANTAS DILACERADAS

## CAPÍTULO 1

A lua minguante brilhava palidamente no céu.

Nos campos, esparsas poças de água ainda marcavam a passagem daquelas chuvas pesadas que haviam lavado repentinamente o vale de Tisza. O céu limpo nem de longe lembrava a terrível tragédia que se abatera sobre a cidade. A loucura inesperada do jovem Baja surpreenderá a todos.

Alguns ainda encontravam argumentos para amenizar sua culpa; outros, porém estavam empenhados numa cruzada por sua condenação. De um modo ou de outro, todos eram unânimes em afirmar que, em seu estado atual, Baja expiava suas culpas.

Aqueles que o visitaram na cadeira falavam de uma expressão marcada e de um olhar alheio, como se nada mais visse, nada mais sentisse. Baja era uma espécie de morto-vivo, jogado inerte numa cela, sem palavras para contar o que acontecera naquela noite.

Os velhos voltaram a falar. Toda a culpa estava no castelo maldito. A força maléfica ainda morava lá e disso, com toda certeza, o vale jamais se veria livre.

A volta das primeiras folhas verdes trouxera alegria aos moradores. A seca estava terminada. Os campos seriam preparados para a sementeira. As encostas verdejariam e seriam pontilhadas por brancas ovelhas, pastando tranqüilas.

Sentado no alpendre de sua casa, Mikael Voznik baforava seu cachimbo favorito, olhando o céu e as pastagens. Seu fiel cão pastor deitarA-se a seus pés e repousava a cabeça sobre as patas estendidas.

— Logo você terá trabalho novamente, Nik — murmurou ele, abaixando a mão para alisar o pêlo comprido e macio do animal.

O cão levantou a cabeça e, por instantes, manteve-se naquela posição.

— O que foi, meu fiel amigo? — indagou o pastor.

O animal ergue-se pesadamente e caminhou até uma das extremidades do alpendre, a cabeça erguida, como se farejasse algo. Do galpão onde estavam as ovelhas veio um barulho de madeira quebrando-se.

As orelhas do cachorro ergueram-se e ele ganiu, voltando para junto do pastor.

— Sim, eu também ouvi — disse o homem. — Os lobos devem andar famintos.

Levantou-se e foi para dentro da casa, de onde retornou com sua espingarda. Estava preste a descer a escada, quando um alvoroço, vindo do galpão, o alertou. Ele saltou os degraus. Nik passou por ele, latindo ameaçadoramente.

— Mikael, o que está havendo? — indagou sua esposa, surgindo à porta.

— Acho que é um lobo. Traga uma lanterna — pediu ele, caminhando na direção do local.

Os latidos graves e curtos de Nik tornaram-se furiosos, vindos de um ponto que Mikael não podia ver. Sua esposa correu para junto dele, levando a lanterna. O pastor engatilhou sua arma e se aproximou.

Repentinamente, Nik ganiu alto, como se estivesse ferido. Aquele som estridente fez gelar o sangue nas veias de Mikael. Sua esposa apertou-se a ele, os braços se enroscando por sobre a arma.

— Nik! — chamou-o a mulher.

— Nik! — repetiu o homem.

O barulho cessara, mas as ovelhas se moviam inquietas lá dentro ainda. Mikael ergueu a tranca da porta e puxou-a. Introduziu a lanterna. As ovelhas estavam como que acuadas num canto.

Ele vasculhou o local com a luz. Viu, numa das paredes o buraco por onde, provavelmente, o lobo entrara.

— Nik! — insistiu.

Um ganido doloroso lhe respondeu, vindo de qualquer parte por ali.

— Nik, meu amigo! — chamou novamente, entrando devagar, a arma pronta, a lanterna numa das mãos, a esposa grudada a suas costas.

O ganido doloroso se repetiu, vindo do alto. Mikael levantou o facho da lanterna. O gemido parecia ter vindo da plataforma elevada do galpão, onde armazenavam a lã tosquiada.

Avançou até a escada, mas estacou ao tropeçar em algo macio, iluminou. Era uma de suas ovelhas com a garganta aberta. O animal ainda agonizava, o corpo abalado por espasmos.

— Maldito lobo! — murmurou, chegando até a escada.

— Aonde vai? — quis saber a mulher.

— Acho que ouvi Nik ganindo lá em cima.

— Eu também acho que ouvi, mas como teria ele ido para lá?

Esse detalhe ganhou importância na mente do pastor. Havia apenas aquela escada, era o único meio de chegar até lá. A plataforma ficava a uns três metros do chão. Nik não poderia ter subido pela escada. Mas, se estava lá, como o teria feito? A menos que tivesse sido jogado...

— Segure a lanterna, vou subir — disse ele, intrigado, qualquer coisa estranha brincando com seus nervos.

Levou a espingarda numa das mãos, à frente, galgando um após outro os degraus.

O facho de luz apontava para a madeira acima.

— Agora dê-me a lanterna — pediu ele, estendendo o braço.

A mulher teve de subir alguns degraus para atendê-lo. O pastor iluminou a plataforma. Num canto, como se tivesse sido jogado, estava o corpo ensangüentado de Nik, seu fiel cão.

— Diabos! — murmurou ele, subindo apressadamente e correndo até lá.

Debruçou-se sobre o animal, tomando-lhe a cabeça entre as mãos. O cão estava morto e sua garganta estava dilacerada, como se um sádico houvesse golpeado ali com um alfanje.

— Mikael, ele está aí? — indagou a esposa.

— Sim — respondeu o pastor, sentindo um calafrio percorrer sua espinha.

Ergueu o facho de luz para a parede. Havia manchas de sangue até quase junto às telhas, como se o corpo do animal, já estraçalhado, tivesse batido ali.

Ficou pasmo, assustado, intrigado. Nik era um cão enorme pesado. Teria sido necessária uma grande força para tê-lo jogado daquela forma.

— Mikael! — berrou a mulher lá embaixo como se o Juízo Final a tivesse posto diante do demônio.

O pastor correu até a borda da plataforma, ainda a tempo de ver aquele vulto indefinido escapar pela porta veloz como o vento.

Escorregou pela escada e correu para fora, a arma ao ombro, pronta para o tiro. Tudo era silêncio, no entanto. Nenhuma alma viva estava à vista.

— Você o viu? Diga-me que o viu — suplicou a mulher, indo abraçar-se a ele.

— Era o lobo?

— Não sei... Passou por mim, um cheiro de coisa morta. Pareceu roçar meu corpo... — gaguejou ela, apertando-se contra o marido.

Mikael segurou-a em seus braços, tentando definir o que vira, mas tudo fora tão rápido.

— Ele poderia ter me mordido...

O pastor forçou um sorriso.

— Com esse cheiro de alho? Eu duvido. O que estava fazendo?

— Temperando seu prato preferido... Oh, Mikael! Você está mofando de mim — choramingou ela, empurrando-o.

Mikael recuou alguns passos e lentamente o sorriso foi morrendo em seus lábios, ao se lembrar de seu cão no alto da plataforma.

\*\*\*

O professor Hilgenstiller terminou de comer o guisado servido pelo hospedeiro, depois vagou os olhos pelo salão.

As pessoas o olhavam com certa reserva, temendo encará-lo. Reconhecia que aquela noite no castelo o transtornara, modificando seu pensamento a respeito de muitas coisas, mas estava certo de que não enlouquecera.

Sua lucidez era a mesma com que, naquele castelo, enfrentara aquele ser infernal, fruto de um pesadelo, talvez, mas real demais para não ser levado em conta.

Klauss não o permitira falar. Para o oficial de polícia as explicações eram fáceis. Baja levava aquelas garotas para o castelo e, numa cerimônia negra e macabra, matara cada uma delas.

O rapaz estava louco, ainda segundo Klauss. A prova disso era seu estado atual, agindo como se já não mais pertencesse ao mundo dos vivos.

Para o Prof. Hilgenstiller as explicações não eram tão fáceis. Havia muita coisa sem resposta. Como Baja conseguiria tirar aquelas garotas, algumas delas vestidas precariamente, de suas casas?

Não, a resposta era mais profunda e estava naquele velho livro que ele agora, cuidadosamente, restaurara. Folha por folha uma história sangrenta e

inacreditável ia se esboçando. para seu espírito, mas científico, muita coisa não fazia sentido, mas a lembrança daquela noite o fazia crer em coisas que jamais sonhara acreditar.

Havia um fascínio naquelas páginas que se desmanchavam ao toque de suas mãos e, ao mesmo tempo, uma remota e desesperada esperança.

No hospital, Larah ainda definhava, perdendo a beleza irretocável de seu corpo puro, descarnando-se, fazendo-se pele e osso apenas.

Aquela marca em seu pescoço, transformada agora em uma fétida ferida, como se os tecidos apodrecessem e exalassessem o fedor da morte, não era explicada por nenhum dos médicos.

Klauss, no entanto, tinha a resposta. Na certa Baja tentara degolar também a filha do professor, mas esta fugira ao seu domínio e ele apenas conseguira espetar-lhe o pescoço com alguma faca contaminada.

Calafrios ainda percorriam a espinha do professor ao lembrar-se da cena. Larah fora mordida por aquele ser monstruoso, filho do demônio, fruto de um ventre amaldiçoado, para toda a eternidade.

Por isso precisava voltar àquele livro. Queria salvar a filha daquele destino terrível que se anunciava. Não podia mais visitá-la no hospital. Vê-la daquela forma era apunhalar seu coração de pai.

Um tumulto se formou à entrada da estalagem. O oficial de polícia entrou resolutamente, seguido de Mikael e de alguns homens.

— Muito bem, pessoal. Há um lobo enorme e faminto rondando o vale. Precisamos caçá-lo. Acaba de matar duas ovelhas e o cão de Mikael. Preciso de todas as armadilhas possíveis.

Os homens presentes prometeram prontamente atender ao pedido, deixando o local. Klauss confabulou por instantes com Mikael, mas interrompeu a conversa ao ver o professor no fundo do salão.

Caminhou até ele. Sorriu.



— Foi bom encontrá-lo, professor. Passei pelo hospital ainda há pouco. Um dos médicos me disse que sua filha dorme tranqüilamente. Aqueles sobressaltos passaram. Ela parece entrar em recuperação agora.

O professor pôs-se em pé, um sorriso apalermado pairando em seus lábios, lágrimas marejando seus olhos.

— Tem certeza do que está me dizendo?

— Absoluta. Se não acredita em mim, vá até lá. Estou certo de que o deixarão vê-la.

— Sim, é o que farei — murmurou o professor, rumando para a porta.

\*\*\*

Niita olhou o reservatório de água ao lado da pia e notou-o quase vazio. Na manhã seguinte teria de ir até a fonte apanhar água para o café. Por momentos, lamentou a ausência de comodidades como é a água encanada.

Algumas das casas da cidade já a possuíam. Ali, no entanto, ainda levaria séculos até que seu pai se convencesse de que coisas modernas podiam ser úteis.

Espreguiçou-se, estendendo os braços torneados e jogando a negra cabeleira para trás. Por momentos uma careta engraçada desenhou-se em seu rosto, até que voltasse à beleza natural.

Niita era jovem, pouco mais de dezesseis anos, mas seu corpo, como o da maioria das garotas do vale, já apresentava aquela definição de forma que diferenciava a menina da mulher.

Foi até a janela. Uma brisa agradável soprava. Após aquele hálito infernal que varrera o vale durante a seca, aquilo era uma carícia.

Segurou os cabelos e ergue-os, deixando que a brisa lambesse sua nuca e seus ombros. A lua minguante definhava no céu, mas havia claridade se refletindo na relva úmida ainda das últimas chuvas.

Uma idéia tentadora assaltou-a. Voltou o rosto para olhar na direção do quarto dos pais. Estavam dormindo. Ela se moveu silenciosamente, então, indo apanhar o cântaro e o suporte para equilibrá-lo em sua cabeça.

Ouvira dizer que, nas cidades grandes, as mulheres faziam qualquer coisa parecida para parecerem elegantes. Se assim fosse, Niita estava certa de que faria muito sucesso entre elas.

Equilibrar aquele cântaro na subida da encosta era um exercício diário que dera ao seu corpo uma graça e uma elasticidade que, por certo, seriam realmente invejadas.

Uma estreita trilha a levava pela encosta, na direção do rio, apenas um filete durante a seca, mas um alegre riacho após as chuvas.

Cantarolava baixinho, saltitando, sem perder o equilíbrio em pontos perigosos. Havia, um trecho do caminho, uma queda abrupta, de rochas pontiagudas. Despencar por ali era a morte certa. Com a chegada das chuvas e do verde, por certo seu pai reformaria as cercas para evitar que as ovelhas desgarradas acabassem encontrando a morte num salto sem destino.

Chegou ao rio. A brisa ali parecia ser mais fresca. Deitou o cântaro contra a corrente e enfiou os pés na água para refrescá-los.

Puxou para cima a barra de sua saía, descobrindo as coxas morenas e torneadas, sedutoras e elásticas. A descida a cansara ligeiramente.

Soltou alguns botões de sua blusa e, molhando as mãos, borrifou água sobre os seios jovens e empinados. A solidão e a beleza do ambiente trouxeram pensamentos.

Por momentos, uma tarde passada, cheia de emoção, voltou-lhe à mente. Inclinou a cabeça e segurou um dos seios com delicadeza, olhando-o.

Recebera a visita do namorado. Seus pais estavam na cidade, visitando a feira dos ciganos. Ela e ele acabaram no celeiro. A maneira com que o

jovem havia acariciado e apertado seus seios a fazia crer na beleza daquelas formas.

Ergueu a cabeça, de repente. Teria sido o ruído do cântaro enchendo ou ouvira qualquer coisa. Olhou ao seu redor. Havia alguns arbustos ressequidos, troncos tombados e nada mais.

Levantou o cântaro. Qualquer coisa como o resfolegar pesado e ofegante de um animal a fez voltar a cabeça na direção de uma velha árvore, tombada pelas chuvas que haviam minado as raízes.

Firmou na cabeça o suporte do cântaro e se levantou, fazendo sua saía escorrer pelos seus joelhos. Começou a abotoar apressadamente sua blusa, quando um ruído leve, de asas roçando, a fez arrepiar-se.

Alguém ou alguma coisa saía de trás da árvore. Era um homem. Sua capa colava-se ao corpo, negra como a noite mais escura.

— Quem... Quem é você? — indagou a garota, desconhecendo totalmente aquele vulto.

— Alguém que precisa de você — respondeu uma voz suave e masculina, levemente rouca e entrecortada por uma excitação que Niita não entendeu.

Ela tentou recuar, enquanto o homem avançava contra ela. Queria divisar-lhe o rosto, mas as sombras o impediam. A brisa soprou mais forte, como num presságio, assobiando nos galhos secos dos arbustos, fazendo esvoaçar a capa, escarlate em seu interior.

— Venha! — murmurou o homem. — Venha! — repetiu, avançando para a garota, que viu, de repente, toda sua vontade de fuga e seu medo se desvanecerem numa atração inexplicável que a levou até os braços dele.

## CAPÍTULO 2

O professor atravessou a rua com passos largos e apressados.

Uma neblina tardia avançava pelo rio, galgando lentamente as encostas e pairando como véu protetor, tornando baço o brilho da lua minguante.

Homens passaram apressados, arrastando armadilhas e correntes. Alguns portavam armas. Todos pareciam excitados com a perspectiva de uma diversão incomum. A presença de um lobo mais abusado espalhava animação e temor entre os pastores, principalmente.

Como que em resposta àquele pensamento, de algum ponto, perdido naquela neblina, um lobo uivou. O som prolongado arrastou-se pelo vale lugubrememente.

Viu o hospital, com sua pálida lâmpada à porta de entrada e apressou ainda mais o passo, saltando pontos onde o barro cobria o calçamento.

Avançou pela porta. A sonolenta enfermeira levantou a cabeça e, ao vê-lo, sorriu animadoramente.

— Ela dorme, professor. Parece-nos bem melhor que esta tarde, o doutor não soube explicar.

— Ela deve estar reagindo ao tratamento, então. Graças a Deus! — exclamou o homem, indo para o corredor.

Parou diante de uma porta, abrindo-a lentamente a seguir. Larah dormia placidamente, após tantos dias de agitação. Seu semblante revelava profunda calma e, não fossem as olheiras pesadas que marcavam seus olhos e aquele curativo que lhe cobria parte do pescoço, o professor juraria que a filha estava muito bem.

Aproximou-se do leito, olhando os cabelos desfeitos que cobriam parcialmente uma das faces da garota. Estendeu a mão e afastou-os.

— Larah! — murmurou, acomodando-se numa cadeira ao lado.

Ficou olhando aquele rosto adormecido, indagando-se se tudo aquilo não fora mesmo um pesadelo. Bateram levemente na porta. A enfermeira entrou em seguida, com uma bandeja em suas mãos.

— Acho que vou aproveitar para renovar o curativo — disse.

— Não quero que acorde. É a primeira vez em tantos dias que a vejo repousar assim.

— Serei cuidadosa, prometo, mas isso é preciso realmente.

A enfermeira começou, então, a remover cuidadosamente o curativo. O professor hesitou ante a idéia de permanecer e ver novamente aquela ferida.

Seria doloroso para seu coração de pai. Ergueu-se e caminhou sorrateiramente para a porta.

— Professor, veja isso! — pediu a enfermeira.

Ele estacou e se voltou rapidamente. Havia qualquer coisa de surpresa e alento na voz da mulher.

— O que foi? — indagou, aproximando-se.

— Veja, está sarando — apontou ela.

Incrédulo, ele debruçou sobre a filha, observando o ferimento. No dia anterior vira ali uma ferida pútrida, arroxeadada como uma gangrena.

Agora, no entanto, o tecido se recompusera inexplicavelmente e apresentava, ao redor dos dois orifícios, uma coloração rosado forte.

Inclinou-se um pouco mais, observando atentamente. Havia pus no local, mas em fraco processo de recuperação. Ergue os olhos para a enfermeira.

— O que você usou no curativo de ontem?

— O mesmo de sempre. Estou surpresa!

— Onde está o médico?

— Foi para casa. Quer que o chame?

— Não... Acho que não é necessário, mas peça-lhe para dar uma olhada amanhã cedo.

— Pode estar certo que o farei, professor — afirmou ela.

—

Torg avançou, coxeando, pela passagem secreta. Empurrou o painel e se viu no quarto sem janelas. Olhou o ataúde. Estava vazio. Levantou a cabeça, como se esperasse captar qualquer coisa no ar, um ruído, um sinal.

Apalpou cuidadosamente a testa. O ferimento cicatrizara, mas fora uma pancada violenta que recebera daquele professor.

Seus olhos chamejaram, ao lembrar-se dele. Por um triz seu mestre não era destruído definitivamente por aquele homem desesperado. Não fosse ele, Torg, haver seguido pela passagem secreta e afastado aquela cruz que minava as forças de Drácula, na certa o vampiro da noite teria sido reduzido a cinzas.

Ia retornar pela passagem secreta, quando pressentiu alguma coisa. Recuou de encontro à parede. Sem ruído, silencioso como um deus, aquele vulto negro avançou lentamente através da porta, estacando ao lado do ataúde.

Voltou-se e encarou o corcunda Torg. Sorriu e suas gengivas avermelhadas revelaram o que fizera naquela noite. Lentamente o aleijado ousou fixar seus olhos nos olhos do mestre.

Era como fitar, através de uma estreita passagem, laivos de fogo do próprio inferno.

— Meu fiel Torg! — murmurou ele. — Esta foi uma noite agradável... Andei pelos campos... As encostas continuam as mesmas, mas muita coisa mudou no vale. Meu castelo, Torg... O que fizeram ao meu castelo?

— Foi destruído, mestre. Vaguei como um morto-vivo pelo mundo, até que chegasse de novo o momento de voltar e trazê-lo de volta à vida.

— E o que fez, demonstrando ser grato pela imortalidade que lhe dei...

O corcunda abaixou os olhos, como se olhasse dentro de si mesmo, de seu físico horripilante e repulsivo.

— Eu sei o que sente, Torg. Quando chegar o momento, vou livrá-lo dessa carcaça apodrecida e estropiada para lhe dar um novo corpo, belo como o meu, eterno como eu sou. Isso lhe agrada?

— Sim, mestre, muito! — murmurou o aleijado, caindo de joelhos aos pés do monstro e beijando-lhe as pontas da capa escarlate.

O vampiro olhou-o com profunda piedade, depois estendeu suas mãos e pousou-as sobre a cabeça do corcunda. Suas unhas pontiagudas acariciaram os cabelos ralos e enovelados.

— Precisamos ressuscitar agora a antiga nobreza da família dos Drácula. É preciso reconstruir o castelo, encontrar o nosso tesouro...

— Não mestre. Isso seria perigoso. Aqui, não. Muita coisa aconteceu durante esse tempo. O nome dos Drácula é odiado e evitado. Terá que ser de outra forma, mestre. Longe daqui.

O vampiro olhou-o sem compreender.

— Sei que muita coisa pode ter mudado em um século. Torg. Eu preciso saber de tudo, então?

— Como?

— Livros. Traga-me livros, meu fiel amigo, todos os livros que puder. E o tesouro? Sabe onde encontrará-lo?

— O mapa foi destruído quando atearam fogo ao castelo, mestre.

— Isso quer dizer que não foi encontrado ainda... Deve estar na antiga caverna, mas nem eu mesmo consigo me lembrar...

Esta noite encontrei uma garota. Suguei-lhe o sangue e cravei uma estaca no coração. Quando a joguei numa encosta escarpada, lembrei-me de nossa caverna. Deve estar por aí, sei que me lembrarei.

— Claro que sim, mestre.

— Agora quero repousar, Torg. Recolha-se — ordenou o vampiro, subindo para o ataúde, onde se deitou lentamente, como se repetisse uma espécie de ritual macabro.

O corcunda coxeou até a porta. Estacou olhando o ataúde.

— Mais alguma coisa, Torg?

— Mestre... Aquela garota ainda vive... Aquele homem o viu. O que devo fazer a respeito?

— Nada, Torg. Eu cuidarei de tudo. É minguante, ela vai se recuperar e ser normal, até que venha nova lua cheia. Então eu a procurarei. Se encontrar nela qualidades para reinar comigo, deixarei que viva. Quanto ao homem...

O corcunda aguardou por instantes, mas o vampiro não terminou a frase. Cruzou os braços sobre o peito e cerrou lentamente os olhos. Iluminado pelas tochas espalhadas nas paredes, aquele vulto negro dentro do ataúde chegava a aterrorizar o próprio Torg.

Entrou pela passagem secreta. Precisava trazer livros, muitos livros para o seu mestre. Já não era uma tarefa muito fácil. Não podia circular pelas ruas. Aquele professor poderia estar em alguma parte e o reconheceria.

\*\*\*

O professor, após deixar o hospital, retornava à estalagem. Havia um ajuntamento diante dela. Klauss distribuía ordens, separando grupos que se dirigiriam a pontos distintos do vale, espalhando armadilhas.

— E não se esqueceram de deixar marcas visíveis, de preferência as marcas convencionais. Não quero encontrar um garoto qualquer preso numa dessas armadilhas...

O professor passou por ele e entrou. Respirou fundo. Estava fatigado. Toda aquela preocupação com a filha e o trabalho sobre aquele livro o desgastavam rapidamente.



Ia subir pela escada, quando alguém lhe tocou o ombro. Voltou-se. Era um velho, de longa barba branca e pele enrugada pela passagem dos anos.

— Ouvi sobre sua filha, professor...

— Sim, ela está melhor, obrigada!

— É a lua minguante, professor. Não tenha esperanças. Eu sei...

— E o que sabe? — indagou o professor, intrigado.

— Sei o que meu pai contou... E foi o pai dele quem contou a ele...

— E o que afinal, foi contado?

— Há algo sinistro pairando sobre este vale... Eu sinto. Não sei explicar... Estou certo que é ele... Só pode ser ele.

— E de quem está falando?

— Não, não me arrisco a dizer aquele nome. Diriam que sou louco... Mas sua filha vai sarar, professor. Aparentemente. A doença é cíclica. A lua cheia trará grandes dissabores...

— Espere... — pediu o professor, mas o homem recuou para a porta, quando alguns outros entraram. Klauss vinha entre eles e se dirigiu ao professor.

— Como está ela? — indagou, respeitosamente.

— Bem, aparentemente — respondeu o cientista, observando o velho desaparecer na rua, entre os homens que saíam à procura do lobo.

— Estou certo que vai se recuperar...

— Deus o ouça, oficial — murmurou o professor, começando a subir as escadas.

Foi para seu quarto e se sentou diante da escrivaninha. Acendeu a luz sobre as páginas espedaçadas. A história que se contava ali fascinava, apesar de fantástica, quase absurda.

Dentro do professor, ocorria um conflito. Seu espírito científico debatia-se agora, envolvido pelas fantasias e pelo mistério.

Não deveria acreditar em nada daquilo que lia, mas fazer isso seria agir como Klauss, recusando-se, talvez, a aceitar a evidência.

Inclinou-se sobre a folha e continuou o trabalho. Gradativamente, mais um capítulo daquela fantástica história foi se formando diante de seus olhos.

Juntou-o ao que já havia recuperado antes. Falava-se agora num tesouro. Os Drácula eram ricos, muito ricos e havia alusões a um sítio no vale onde costumavam se reunir para cultuar seus mortos ou guardar a fortuna.

Testemunhas afirmavam que haviam visto uma estranha carroça retornar de lá com seus molejos arriados pelo peso de muito ouro. Alguns juravam ter visto as portas de uma misteriosa caverna cujo interior resplandecia pelo tesouro oculto.

Havia menções de alguns nomes, indicações vagas, afinal, mas pistas interessantes que aguçaram seu espírito. Precisava encontrar um mapa do vale, não um mapa atual, mas um antigo, de cem anos atrás.

Como conseguir isso era um problema, mas contava com a boa vontade da bibliotecária da cidade. No dia seguinte iria até lá.

Olhou as horas. Era tarde. Precisava repousar. Ergueu os olhos cansados e fitou a janela. A neblina avançara sobre a cidade, envolvendo-a. Ele pensou naqueles homens que espalhavam as armadilhas. Um lobo uivou ao longe, muito distante. O professor foi para a cama. Começou a se despir, quando ouviu gritos lá em baixo.

Precipitou-se para a porta e no instante seguinte estava no alto da escada, observando o que se passava. Um casal de camponeses estava diante de Klauss. Aos gritos a mulher tentava conta o que o ocorrera. O professor foi até lá.

Klauss pediu que afastassem a mulher e a levassem para o hospital. Um calmante era a única coisa sensata para ela naquele momento.

Virou-se, em seguida, para o estalajadeiro e pediu um copo de vinho. Estendeu-o ao camponês pálido, expressão neutra, olhos fixos além das pessoas, demonstrando seu estado de choque.

— Muito bem, Vadji. Conte-me o que houve...

— Ela está embaixo, oficial. Lá embaixo...

— Quem está lá embaixo?

— Ela era tão meiga... Quando se cassasse pensava em dar a ela e ao marido as terras do outro lado da encosta. Há muitas árvores lá, podiam construir uma casa e...

— Vadji — insistiu Klauss, fazendo-o beber o resto do copo. — Vamos com calma, homem. Está falando de sua filha?

— Niita! Preciso tirá-la de lá... Está morta! Como pôde acontecer?

— Oficial, esse homem não está em condições de... — ia dizendo o professor, mas Klauss o fez calar-se com um gesto.

Pensou por instantes, depois segurou Vadji pelos ombros e balançou-o. O homem arregalou os olhos, como se despertasse de um transe.

— O que houve com Niita? — insistiu Klauss.

— Ela rolou a encosta... Está lá embaixo...

Por momentos Klauss procurou se lembrar da localização da fazenda de Vadji. Havia, realmente, uma encosta perigosa e escarpada.

— Vamos até lá. Vou apanhar o jipe, é o meio mais rápido — disse.

— Posso ir junto? — pediu o professor, movido por um estranho pressentimento.

Klauss olhou os rostos impassíveis dos outros homens. A noite ia alta. À neblina tornava tudo tétrico. Já haviam se recusado a participar das equipes que saíram espalhando armadilhas. Nenhum o acompanharia.

— Está bem — concordou Klauss.

Algum tempo depois, ele, o professor e o infeliz camponês partiram na direção da fazenda. Klauss precisou guiar com cuidado. Havia barro nas estradas ainda e a neblina tornava mais difícil a viagem.

Num dos pontos do caminho, os olhos do professor se alongaram, pousando sobre a silhueta macabra daquele castelo. Um arrepio instintivo percorreu sua espinha, fazendo-o lembrar-se das palavras daquele velho.

As cenas daquela noite fatídica ressurgiram em sua mente. Estava ali, diante dele, aquele ser infernal, mescla de homem e demônio, besta enfurecida, fera enlouquecida pelo cheiro de sangue.

Benzeu-se, inconscientemente. Ao seu lado, Klauss percebeu o gesto olhando-o entre surpreso e enraivecido.

— Por que fez isso? — indagou.

— Aquele maldito castelo...

— Jamais me convencerá, professor.

— Acho que está convencido, Klauss.

— Apenas não pode admitir. Eu vi tudo aquilo. Eu tenho perguntas para as quais você não tem respostas. Nada é tão simples. Há alguma coisa lá. Já ouviu falar no nome de Drácula?

Klauss fuzilou-o com seu olhar mais glacial, depois se concentrou na estrada a sua frente. Seu silêncio fazia o professor assegurar-se de que o oficial sabia e temia, assim como ele. Aproximavam-se da fazenda.

### **CAPÍTULO 3**

Era madrugada, quando o jipe retornou da fazenda.

Klauss e o professor estavam exaustos. Havia sido trabalhoso descer a escarpa e resgatar o corpo da jovem.

— Que transtorno, Deus meu! — murmurou Klauss, enquanto manobrava o veículo na direção do posto de gasolina. — É só o tempo de reabastecer, professor.

Hilgenstiller endireitou o corpo dolorido, pensando no desespero de Vadji ao ver sua filha naquele estado. O corpo lanhara-se durante a queda, suas carnes se dilaceraram nas pedras pontiagudas e ela acabara sobre um espinheiro, o que tornou tudo mais horrível.

Farpas haviam se cravado em seu corpo jovem. O professor a examinara. Ao se lembrar de alguns detalhes do exame, um arrepio percorria seu corpo.

Nada dissera a Klauss. Por certo o oficial o julgaria um louco, mas havia duas marcas no pescoço da garota, semelhantes às que vira no pescoço de Larah. Além disso, o que horrorizava acima de tudo, era aquela farpa que se cravara sobre o coração da jovem.

Não conseguira entender aquilo. O galho não se quebrara, se fosse o caso. A extremidade visível da madeira dava a entender que alguém batera sobre ele, possivelmente com uma pedra, fazendo-a penetrar na carne da jovem.

Klauss parou o veículo diante da bomba de gasolina e pressionou o botão da buzina. No momento seguinte, um velhote deixou uma porta e caminhou ao encontro deles.

— Você quer gasolina, Klauss? — indagou.

— Sim.

— Teve sorte, meu estoque está no fim. Estou esperando o caminhão-tanque, mas as chuvas andaram derrubando algumas barreiras ao longo da rodovia principal...

— Está bem, velho. Encha o tanque, se for possível — ordenou o oficial, voltando-se em seguida para o professor.

— É lamentável, professor. Vadji vai se sentir culpado por não ter reforçado aquelas cercas antes...

— É essa a sua teoria a respeito do que aconteceu?

— Por que, professor? Há alguma outra? — retrucou o policial, com certa ironia. — Tudo é muito lógico, as evidências estão lá. Ela escorregou, quando passava naquele ponto perigoso. Tentou se apoiar à cerca, essa cedeu e a garota despencou.

O professor guardou suas dúvidas para si mesmo. Estava cansado demais para discutir com Klauss. Já percebera que o oficial era um homem prático e direito.

Em outros tempos, Hilgenstiller estava certo de que concordaria com ele. Naquele momento, porém, julgava existir muito mais mistério em cada mínima coisa que jamais pudera imaginar.

Aquelas marcas no pescoço o perseguiram. Poderia ser uma fixação, uma projeção do que vira acontecer à sua filha. Aquela estaca sobre o coração também o intrigava. Decidira retornar ao local no dia seguinte e observar com atenção. Não sabia o que procurar, mas precisava retornar lá.

O veículo estava na estalagem, professor. Tenho que tomar algumas providências sobre a morte da garota. Depois, acho que dormirei um dia inteiro...

O professor se sentia da mesma forma. Quando chegou à estalagem foi direto para a cama. Já tivera muita excitação por um dia.

Enquanto isso, Klauss tomou as providências necessárias, passou pelo hospital para ver o estado da mãe da garota, depois foi para a cadeia pública.

O carcereiro dormia, apoiado à escrivaninha. Klauss procurou não fazer barulho. Só ia guardar sua arma e as chaves do veículo.

Olhou a porta que conduzia às celas. Um pressentimento o assaltou, não soube explicar, mas aquele silêncio parecia segredar qualquer coisa.

Abriu-a e entrou lentamente. Pensou em Baja, o jovem que era acusado do mais trágico acontecimento que havia abalado a cidade nos últimos tempos.

Foi direto à cela dele. Parou diante da grade, olhando o catre. Lentamente levantou os olhos até a janela gradeada. Ali, numa posição grotesca, a cabeça quase na horizontal em relação ao corpo estava Baja.

Enforcara-se. No chão, o cobertor rasgado. O rapaz tirara dali seu instrumento de morte. Klauss apoiou-se à grade e suspirou. Era demais por uma noite.

Voltou a olhar o cadáver. A língua pendia da boca aberta. Os olhos esbugalhados pareciam fitar seu próprio destino. A coloração azulada do rosto provocou náuseas. O policial virou o rosto, fitando a parede descorada a seu lado.

— Foi melhor assim — murmurou. — Deus tenha piedade de sua alma atormentada——

A neblina tardia dava um aspecto assustador às ruas de Kizna. Pessoas se agrupavam diante das casas de comércio, comentando os últimos acontecimentos.

Estavam ocorrendo muitas mortes na cidade. Além disso, havia aquele lobo fantástico, capaz de atirar um cão pastor ao alto de uma plataforma de celeiro.

Olhos e atenções começaram sorratamente a se voltar na direção do castelo de Drácula. As indagações sem resposta começavam a se acumular nos espíritos dos moradores. A alegria das chuvas via-se diminuída pela apreensão.

Todos sabiam da maldição. Todos sabiam do destino funesto que pairava sobre a cidade, até o fim dos tempos. Era uma realidade incutida em cada coração, mas uma verdade de que todos fugiam.

Era preciso não acreditar naquilo. Era preciso não se deixar levar pelo medo, mas a superstição falava mais alto e a existência de uma força maligna novamente a solta no vale provocava estremecimentos.

As conversas eram veladas, subentendidas. A uma pergunta sobre todas aquelas desgraças bastava um olhar na direção do castelo para que tudo fosse explicado.

Alguém estivera no hospital e vira a filha do professor. Klauss guardara esse segredo, assim como obrigara o professor a guardá-lo.

Após os acontecimentos da noite anterior, porém, aquela era uma notícia que não podia permanecer desconhecida. Um detalhe, uma palavra e o medo espalhou-se em proporções incríveis.

Quando o professor passou, a caminho do hospital, olhares sorrateiros e assustados o seguiram.

O professor estava esperançoso. A recuperação da filha era sua maior alegria, após tanta tragédia. Além disso, ela era a única a poder confirmar tudo o que dissera a Klauss.

Mal podia esperar pelo momento de vê-la narrando ao oficial tudo o que acontecera. Klauss teria de admitir que havia qualquer coisa naquele castelo. Alguma força maléfica e terrível, destruidora como a pior das pestes, assustadora como a maior dos demônios.

E onde estaria aquele símbolo do mal? Poderia aquela cruz reduzi-lo a cinzas? Era sua esperança.

No hospital ele rumou direto ao quarto da filha. Surpreendeu-se ao encontrar ali um pequeno ajuntamento. Aproximou-se com o coração aos saltos. Alguns médicos debruçavam-se sobre o ferimento no pescoço de Larah.

— Algo errado com minha filha? — indagou.

O médico que a assistia se voltou para olhá-lo. Havia um sorriso incrédulo em seus lábios.

— Estou surpreso, professor. Surpreso e feliz. Sua filha nos surpreendeu a todos. Veja isso — disse ele, apontando para o pescoço da garota.



Hilgenstiller debruçou-se, tão espantado quanto os outros. Vira a ferida, na noite anterior, o que já fora uma surpresa. O que via agora, no entanto, era um verdadeiro milagre. O tecido se recompusera de modo incrível.

Havia apenas duas pequenas manchas no local da mordida. A cicatrização parecera se operar num ritmo alucinado.

Encarou o médico, como que indagando a respeito daquilo. O médico retribuiu com uma expressão de quem não sabia a resposta.

— E como está ela?

— Ótima. Dorme tranqüilamente, o pulso está normal, a febre passou e até a vejo mais corada, mais viva que ontem.

O professor voltou a olhar a jovem no leito. As olheiras profundas que marcavam os olhos da filha haviam desaparecido. A palidez cadavérica cedia lugar ao rosado-vivo das pessoas sadias. Todo o seu físico voltava ao normal.

— Por que ela não acorda?

— Porque seu corpo precisa de repouso. Ela está bem, professor. Está inexplicavelmente bem. Vamos colher material para exames. nenhum de nós encontra uma explicação plausível para o que estamos presenciando.

Pouco depois, quando as pessoas saíram do quarto, o professor puxou uma cadeira para perto do leito e se sentou, olhando a filha.

O que via era sobrenatural e irreal como o que presenciara naquele maldito castelo. Sua filha se recuperava, isso era importante, mas a que força devia ela aquela recuperação milagrosa?

Sua religiosidade o fazia acreditar que Deus ouvira suas preces desesperadas, mas uma certeza que gradativamente se apossava dele o empurrava numa outra direção.

Hilgenstiller não queria aquela hipótese. Era incrível demais, era cruel demais. Lembrou-se do livro. Precisava continuar a restaurá-lo. Talvez conseguisse ali uma explicação.

Algum tempo depois, quando deixou o hospital, pensou em retornar imediatamente ao trabalho de restauração. Lembrou-se do que lera na noite anterior e resolveu passar pela biblioteca e procurar um mapa antigo da cidade.

Quando chegou lá, encontrou-se com Klauss, o que o surpreendeu.

— Não pensei que fosse um homem de cultura, oficial — ironizou o professor.

— Trabalho, apenas trabalho — resmungou Klauss, observando uma prateleira.

Só então o professor observou aquilo. Havia falhas nas prateleiras e o assunto parecia interessar Klauss.

— O que houve por aqui? — indagou.

— Acho que o demônio anda a solta pelo vale, professor — respondeu Klauss, retraindo-se em seguida como se estivesse arrependido da infeliz observação.

— Por que diz isso?

— Por que alguém roubaria livros?

— Livros? Que tipo de livros?

— Tenho aqui uma relação... Está incompleta, mas... — disse Klauss, enquanto desdobrava um papel e passava-o ao professor.

— Interessante... Seja quem for, está ansioso para saber o que se passa no mundo atual. Enciclopédias, informativos, teorias novas... Boa literatura estrangeira...

— Diabos! A quem isso iria interessar? E por que roubar? Poderiam simplesmente vir aqui e consultar os livros que quisesse.

— A menos que isso não fosse permitido — observou o professor, compenetrado em sua própria afirmação.

O que pensava não fazia sentido, mas o que, naquela cidade, nos últimos tempos, fazia sentido?

Klaus desviou seus olhos para o cientista, olhando-o quase com raiva.

— O que quis dizer com isso, professor?

— Que as bibliotecas não abrem à noite, apenas isso — afirmou o professor, deixando o para ir falar com a bibliotecária.

Indagou-lhe a respeito de um velho mapa da cidade.

— Acho que poderá encontrar qualquer coisa assim nos livros que levou, professor — informou ela.

— Ou em alguns que deixei aqui...

— Se estiver disposto a procurar...

— Acho que começarei pelos que tenho comigo. Tenho um bom-dia, senhora — despediu-se ele.

Ao sair, olhou o rosto intrigado e confuso de Klauss. Talvez ele, naquele momento, pensasse algo semelhante àquela teoria absurda que se instalava no espírito do professor.

Por que alguém desejaria livros sobre a atualidade? E porque preferia roubá-los a vir consultá-los numa biblioteca?

De alguma forma, sentia que encontraria a resposta no livro que restaurava.

Atravessou a rua, rumando para a estalagem. No caminho cruzou com o velho que lhe falara na noite anterior. Por momentos trocaram um olhar.

— Espere — pediu Hilgenstilller. — O que quis dizer com tudo aquilo, ontem à noite?

— Que a verdade não está diante dos olhos, professor. A lua vem e vai, ela muda e influi, isso é velho, isso é conhecido...

— Mas que relação tem isso com minha filha?

— Pense, professor — disse o velho, afastando-se.

\*\*\*

A noite pesada voltara a cair sobre o vale. As sombras se alongavam à medida que o sol se punha. A neblina cresceu sobre o rio e, lentamente, começou a se espalhar como uma massa líquida e perturbadora.

No alpendre de sua casa, Mikael se deixava envolver por pressentimentos e medos. Ao longe, a neblina cercava o castelo maldito, mas o pastor evitava olhar naquela direção.

Pensava nos acontecimentos da noite anterior, no que acontecera ao chão e às ovelhas. Estava aturdido. Talvez tivesse sido um lobo, mas teria de ser o maior de todos os lobos para jogar um cão como Nik ao alto da plataforma.

Ouviu barulho na cozinha. A esposa preparava o jantar. Aquela fazenda era a mais próxima do castelo e isso, agora, assustava Mikael.

— Mikael, vou até o depósito apanhar lenha — disse-lhe a esposa.

— O que está preparando para o jantar?

— Lebre com batatas... Pelo menos para alguma coisa aquelas armadilhas serviram. Temos carne para uma semana...

— Não se esqueça de pôr muito alho, sabe que eu gosto...

— Já preparei o tempero... Está como gosta — resmungou ela, saindo da casa pela porta dos fundos.

Deixara uma lanterna na janela, clareando o trecho que separava do depósito a lenha. Enquanto caminhava, levou as mãos ao rosto e aspirou o cheiro forte de alho. Fez uma careta e esfregou-as, em seguida, no avental.

— Mikael gosta de alho, mas Mikael não vai descascá-lo e picá-lo... Esse cheiro... — resmungou, abrindo a porta e aguardando alguns instantes até que seus olhos se habituassem à escuridão.

Entrou com cuidado. Mikael tinha o péssimo costume de deixar suas ferramentas espalhadas. Ela avançou até o canto oposto da cabana, onde estava a lenha.

Abaixou-se e apanhou algumas lenhas sobre os joelhos. Abraçou a pilha em seguida, erguendo-se. Repentinamente, viu a luz diminuir. Voltou-se. A porta se fechava, após a passagem de alguém.

— Mikael? — indagou ela.

Nenhuma resposta. Seus ouvidos se aguçaram. Ela ouviu nitidamente aquela respiração pesada aproximar-se dela. O pavor dominou-a, pensou em gritar e correr, mas estava grudada ao chão por uma força acima de sua vontade.

Algo esvoaçou diante da fresta da porta mal fechada. Aquela respiração pesada avançou, mas não ouviu ruídos de passos.

Qualquer coisa fria pousou em seus ombros, puxando-a lentamente. Ela soltou a lenha que trazia nos braços e levou a mão ao rosto, tentando arrancar aquele grito que a sufocava.

Sentiu um hálito nauseabundo varrer seu rosto e, depois, se concentrar em seu pescoço. Esfregou as mãos pelas faces. Qualquer coisa aconteceu, então, acima daquele cheiro forte de alho que feria suas narinas.

Um grunhido raivoso, animalesco, depois ela foi empurrada violentamente contra a parede, caindo sem um gemido sobre as lascas de lenha empilhadas.

## CAPÍTULO 4

O professor Hilgenstiller levantou a cabeça ao ouvir as batidas na porta. Só então reparou que já era noite e que passara todo o dia debruçado sobre aquele livro.

Levantou-se, dolorido, e foi abrir a porta. Era uma das enfermeiras. Ele se lembrou da filha, então.

— Larah voltou a si, professor, e deseja vê-lo...

— Minha filha? Eu... — balbuciou ele, esfregando as mãos nos olhos, tentando despertar daquele torpor que agora dominava seu corpo, ocupando o lugar da febrilidade que o fizera permanecer sobre o velho texto.

— Sente-se bem? — indagou a enfermeira, solícita.

— Sim... Que horas são?

— Passa das nove...

— Nove horas... Sim, vamos. O médico a examinou?

— Ela está bem, otimamente bem.

O homem deixou a estalagem e caminhou apressadamente rumo ao hospital. A neblina voltara a cair sobre a cidade. Tudo o que lera naquelas páginas provocava um turbilhão nos seus pensamentos.

Ousou olhar na direção do castelo, parcialmente oculto pela neblina, mas cujo perfil sinistro se destacava como uma ameaça constante.

Muita coisa se explicava agora, se aqueles absurdos que lera podiam ser levados em conta. Não localizara o mapa antigo da cidade, mas obtivera mais algumas boas referências ao suposto local do tesouro.

Entrara, agora, num novo capítulo. O trabalho já não tinha a perfeição inicial. Em sua pressa, o professor desejava apenas o suficiente para ler o que vinha pela frente. O conteúdo daquele livro o fascinava e prendia, provocando, ao mesmo tempo, certa apreensão.

Chegou ao hospital, no exato momento que algumas enfermeiras ajudavam um camponês a retirar uma mulher de sua carroça.

O professor julgou reconhecê-lo. Era o mesmo que vira falando com Klauss na noite anterior. Olhou a mulher, pálida e inerte, um hematoma arroxeadado em sua testa.

— O que houve? — indagou o professor a Mikael.

— Não sei... Ela caiu quando apanhava lenha no depósito. Por certo ela tropeçou...

Hilgenstiller ajudou as enfermeiras a levarem a mulher para dentro. Chamou-lhe a atenção aquele cheiro forte de alho. Pobre mulher!

Rumou, em seguida, para o quarto da filha. Ao empurrar a porta, mal pôde acreditar em seus olhos. Ali estava Larah, bela e radiante, sorrindo feliz para ele.

— Papai! — murmurou ela, abrindo os braços.

Hilgenstiller jogou-se de encontro à filha, apertando-a contra si e beijando carinhosamente seus cabelos.

— Graças a Deus esse pesadelo terminou! — murmurou ele, afastando-se para olhá-la melhor.

A ferida desaparecera completamente e apenas duas manchas indicavam o local da mordida. Não via uma explicação lógica para aquilo. Era, simplesmente, um milagre.

— Papai, o que estou fazendo aqui? — indagou ela, sinceramente surpresa.

— Como assim, filha? — retrucou ele, sem entender a pergunta.

— Por que fui hospitalizada? Eu nem me lembro de ter adoecido.

Hilgenstiller estremeceu, segurando-a pelos ombros e olhando-a nos olhos.

— Não se lembra de nada?

— A última coisa que me lembro era estar em meu quarto... Não em seu quarto na estalagem. Sim, isso mesmo. Eu estava lá, quando qualquer coisa aconteceu...

— Sim, mas o que aconteceu?

A garota fez um esforço, mas realmente não podia se lembrar de nada posterior àquele momento.

O professor suspirou, baixando a cabeça. Larah era sua última esperança de convencer Klauss do que acontecera. Sem ela, jamais se faria ouvido.

Larah estendeu uma das mãos e acariciou os cabelos do pai. Dois médicos entraram, cumprimentando a ambos. Larah seria examinada mais uma vez. Sua recuperação deixara-os completamente aturdidos.

Hilgenstiller deixou-os a sós e foi para o corredor, aguardar. Viu o camponês, na sala de espera, torcendo nervosamente as mãos.

Klauss chegou naquele momento, caminhou direto para Mikael. O professor se aproximou para ouvi-los.

Mikael repetiu sua teoria a respeito do acidente. Klauss consolou-o depois se voltou para o professor.

— E sua filha?

— Incrivelmente bem. Está sendo examinada agora.

— Fico feliz com isso, professor — afirmou Klauss, olhando o outro com certa apreensão. — Acha que ela tem alguma coisa a me dizer? — acrescentou, com reserva.

— Ela não se lembra de nada do que aconteceu...

— Não? Talvez seja melhor assim, professor — disse, após uma pausa.

— Isso talvez apenas adie a verdade Klauss.

— Que verdade, professor? Que verdade? — insistiu o policial, olhando-o nos olhos.



Hilgenstiller teve a nítida sensação de ver medo no olhar do policial. Um medo enraizado como aquele que vivia nos corações de todos os moradores do vale.

— Eu tencionava voltar à fazenda onde morreu a garota ontem à noite, mas...

— Estive lá, foi um acidente. A garota esteve no rio, encheu o cântaro e retornou para casa. Escorregou, a cerca cedeu e ela despencou... Foi trágico.

— É uma boa reconstituição, oficial. Espero que não seja apenas teoria.

— Deve imaginar que nós, polícias do interior, não sabemos nosso trabalho, não?

— Longe de mim tal pensamento — descartou o professor com fina ironia.

— Sei o que quer dizer. A garota esteve no rio, encheu o cântaro. Encontrei, no local, o suporte que, normalmente, as mulheres usam a cabeça para equilibrar...

— Onde encontrou o suporte?

— Junto ao rio, por que?

— Não lhe parece estranho que ela o tenha levado e não o tenha usado? Considerando que levava o cântaro cheio, por que não usou o suporte?

— Como vou saber? Talvez ela o tenha perdido na escuridão, sei lá — gaguejou o policial, diante da pergunta sutil.

Hilgenstiller afastou-se na direção da janela. Olhou para fora. Os contornos do castelo maldito ainda eram nítidos entre a neblina. Klauss se aproximou e, por instantes, olhou naquela mesma direção.

— Em que está pensando, Hilgenstiller?

— Você jamais acreditaria... ou admitiria, Klauss, apesar de eu saber que você sabe e que tem medo.

A expressão do policial endureceu-se. Ele fuzilou o professor com um olhar glacial e se preparava para dizer qualquer coisa, quando um homem entrou pelo corredor e lhe fez um sinal.

Klauss foi até ele.

— O que se passa, Nivzoz?

— O lobo, Klauss, o lobo atacou uma de minhas ovelhas, dilacerou sua garganta e deixou-a...

— Quando foi isso.

— Há menos de uma hora. Meu cão ladrou, alertando-me. Eu me armei e fui verificar. Encontrei a ovelha. O lobo cortou-lhe a garganta em alguma parte do curral depois deve tê-la arrastado. Ela sangrou até morrer em algum ponto dali. O que me revolta, Klauss, foi que ele fez isso por maldade, pura maldade. Eu lhe digo que esse lobo é um ser infernal. Mata apenas pelo prazer de matar...

Klauss se voltou instintivamente, olhando na direção do professor. Movido por um pressentimento, este também se voltou. Mais do que nunca, certificou-se de que havia medo e dúvida no olhar do policial.

\*\*\*

Torg se esgueirou pela sala em ruínas e foi direto à porta do calabouço. Coxeou pelos degraus, depois avançou pelo corredor iluminado por tochas.

Parou diante da última sala, com um suspiro de alívio. Tivera muito trabalho durante o dia, montando ali uma espécie biblioteca. na escrivaninha escurecida pela fumaça e pelo tempo estavam os livros que roubara na noite anterior.

Drácula levantou o rosto e encarou seu servo.

— Onde esteve, Torg? Tenho uma missão para você.

— Eu estava descansando, mestre — explicou o corcunda, avançando até se postar diante da escrivadinha.

Havia alguns livros no chão. Torg se debruçou sobre os títulos. Estava certo de que escolhera livros úteis, mas trouxera, por engano, algumas obra em alemão, inglês, francês e outras línguas.

— Devo destruir esses livros? — indagou.

— Não, guarde-os. Vou lê-los mais tarde.

— Mas são livros estrangeiros...

Drácula esboçou um sorriso, encarando-o.

— Posso ter me perdido no tempo, Torg, mas meus conhecimentos continuam intactos. Venho de uma família nobre, estudei na França, na Inglaterra, na Alemanha. Visitei mais países do que pode nomear. Conheço tantas línguas como a própria Torre de Babel.

Torg evitou ao máximo olhá-lo nos olhos, mas havia como que uma atração neles. Ousou encará-lo. Viu aqueles olhos avermelhados brilharem. Drácula pareceu entender a curiosidade do criado e sorriu, mostrando os dentes brancos, onde as presas se destacavam um pouco maiores que o normal.

— O mestre saiu esta noite?

— Sim, há uma fazenda aqui perto. Fui à procura de ovelhas, mas desisti. Encontrei um outro sítio favorável...

— Por que ovelhas, mestre?

— Acordo de um sono de cem anos, Torg. Preciso de forças, um tipo de força que só obtendo no sangue das ovelhas. Quando eu me recuperar, meu apetite será outro — murmurou o vampiro, lembrando-se da missão que tinha a delegar.

Ficou em silêncio, porém, lembrando-se daquela garota. Era jovem, muito jovem e bonita. Seu sangue não era necessário, mas houve um desejo maior em seu corpo, ao vê-la. Um desejo de volúpia incrustado em sua

carcaça recém-regenerada. O contato de suas mão com aquela pele macia, o cheiro perfumado daqueles cabelos e a vitalidade jovem e provocante da garota haviam suprido um tipo de necessidade que Torg jamais entenderia.

— Ontem à noite ataquei uma garota...

— Sim, eu sei...

— Cravei-lhe uma estaca no coração, mas é possível que a tenham removido. Quero que se certifique disso. Vá ao cemitério. Não creio que dificuldade para localizar o túmulo recém-fechado.

— Está bem, mestre... — acedeu Torg, inclinando-se para retirar.

— Torg!

— Sim, mestre!

— Meu ataúde é confortável. A quem pertencia?

— A um nazista, mestre.

— Nazista? Estou lendo alguma coisa a respeito... Este século tem sido conturbado... Duas grandes guerras... O mundo não mudou, afinal — sorriu o vampiro, de um modo que Torg não entendeu. — Vá faça o que lhe disse.

\*\*\*

Hilgenstiller levantou-se tropeadamente de sua cadeira e caminhou abobalhado pelo quarto. Não podia dar crédito ao que lera. Não tinha sentido, era um absurdo. Coisas como aquela eram lendas, eram superstições.

Olhou a janela e a neblina provocou-lhe um calafrio instintivo. Era difícil definir agora em que devia ou não acreditar. Passara por uma experiência incrível e obtinha, agora, em um livro, respostas para perguntas que, até então, haviam permanecido sem respostas.

Pensou na filha, no resultado dos exames que os médicos comentaram. Havia qualquer coisa no sangue de Larah, um poderoso agente regenerador que desconheciam. O fato era que Larah estava curada.

Essa cura, porém, encontrava explicação nas palavras daquele velho e eram corroboradas pelo livro. A lua cheia provocava estranhos efeitos em certas pessoas, acometidas, na cidade, há tempos atrás, de um mal desconhecido. A mudança para a minguante trazia-lhes alívio. A luz nova as encontrava em pleno vigor. À medida que evoluía pela crescente até a cheia, todos os sintomas retornavam.

Falavam, ainda de que essas pessoas eram, principalmente, constituídas da criadagem dos Drácula. Parecia haver qualquer coisa no castelo que, com a mudança da lua, influía física e mentalmente nas pessoas que nele circulavam.

Uma dedução o forçava crer no envolvimento de Larih naquele tipo de ocorrência. Mas ele estivera também no castelo e nada sofrera. A filha, porém, fora mordida por aquele monstro. Não iria isso, de alguma forma, influir?

Tentou se lembrar de seus conhecimentos sobre vampirismo, mas tudo se misturava em sua mente, confundindo-o. Precisava ler a respeito, precisava elucidar aquele terrível e assustador enigma.

Mais do que isso, no entanto, sentiu necessidade de mitigar aquele febre que assolava seu corpo. A excitação e o trabalho o haviam posto num estado perigoso de tensão. Pensou numa boa caneca de rum ou cerveja.

Desceu para o salão. Ao pé da escada ainda, viu aquele velho deixar a estalagem. Movido por um desejo acima de suas forças, Hilgenstilller o seguiu, alcançando-o logo diante.

— Espere... Por favor, espere! — pediu.

O velho levantou para ele os olhos opacos.

— Acho que nós dois sabemos o que está se passando. Diga-me sobre o vampiro, pelo amor de Deus! — suplicou.

O outro se viu incomodado, olhando ao seu redor. Depois fez um gesto ao professor, pedindo-lhe que o seguisse. Avançaram por ruas sem calçamento até uma velha casa.

Quando empurrou a porta, deixando o professor passar, o velho persignou-se. Hilgenstiller sentiu o cheiro forte do alho. Havia uma réstia pendurada atrás da porta.

Imediatamente se lembrou da mulher que ajudara a introduzir no hospital. Ela cheirava alho. Uma dúvida instalou-se em seu espírito.

O velho o convidou a sentar-se. Hilgenstiller obedeceu. Olhou ao seu redor. Havia cruzeiros pichadas em todas as janelas e portas. Um clima de mistério e medo parecia habitar aquela casa.

— É um homem de ciência, professor? — indagou o velho, despindo o surrado casaco.

Uma enorme cruz de prata pendia sobre seu peito, presa ao pescoço por uma grossa corrente do mesmo metal.

— Não, sou um pai, preocupado com o que houve com sua filha. Além disso, sou um homem assustado, temeroso e realista. Sei que há uma ameaça sobre nós...

— É o castelo... Um ser demoníaco habita aqueles quartos vazios, vagando como um fantasma pelas ruínas...

— Também tenho essa sensação, mas há algo mais importante para mim agora. O que quis dizer quando se referiu à lua minguante?

— Sua filha, professor. Ela está contaminada, é o que sei, é o que vi. As marcas no pescoço são um sinal da maldição.

— Que maldição?

— A maldição do vampiro.

— Como ela se manifesta?

— Ciclicamente. As fases da lua produzem mudanças em sua filha, mais e mais, até torná-la um nosferato...

— Nosferato?

— Vampiro.

— E a cura?

— Não existe, professor. Não existe.

## CAPÍTULO 5

Uma volúpia interior acentuava um brilho disforme no olhar do corcunda, enquanto se esgueirava pelos arredores da cidade, protegido pela densa neblina.

Todo seu corpo se via consumido por uma febre maligna, enquanto pensava em sua missão. Mesmo que Drácula não o tivesse ordenado. Torg sabia o que tinha de fazer.

Era sua obrigação, fora assim há muitos e muitos anos atrás. Impedir que as vítimas do mestre se tornassem vampiros era o seu estigma. Não se lembrava mais da primeira vez que tivera de fazer isso.

Habituar-se e, mesmo após aqueles cem anos, quando seu corpo antes belo e ereto ganhou aquela aparência repugnante, como que encolhendo e deformando-se com o passar dos tempos, Torg sabia o gosto daquela missão.

Precisara daquilo, precisara desesperadamente, mas tivera de esperar. Drácula lhe prometera um novo corpo, Torg esperaria. Confiava nele, sempre confiara. Não seria decepcionado.

Aproximava-se do cemitério. Redobrou sua cautela, apesar de a neblina expulsar daquelas proximidades qualquer alma viva.

Transpôs o portão e avançou por entre as sepulturas. Era preciso encontrar uma recém-fechada, onde estaria o corpo fresco e apetitoso de uma jovem. Seus instintos entraram em abolição. Seus sentidos antegozavam um prazer secreto jamais entendido por qualquer ser humano.

A volúpia acentuou-se. Torg precisava daquilo para sobreviver. Cadáveres eram seu alimento. Deles retirava a vida para vencer os anos.

Pena que Drácula tivesse de adormecer, quase destruído, há cem anos atrás. Estivesse ele vivo, suas vítimas teriam alimentado Torg. Havia uma força estranha nas vítimas do vampiro. Elas mantinham Torg sempre



jovem, sempre belo. Outros cadáveres apenas conservaram sua vida, mas haviam destruído definitivamente seu corpo.

Estacou, afinal diante do túmulo, olhando a cruz recém-pintada, onde se lia um nome. Inclinou-se, quase roçando o nariz na madeira.

— Niita! — rouquejou ele, num suspiro excitado.

Ajoelhou-se. Suas mãos acariciaram a terra fofa e amontoada. Arrepios percorreram sua espinha, num prenúncio do prazer. Levantou-se, olhando ao seu redor. Havia uma construção num extremo do cemitério. Lá deveria encontrar as ferramentas necessárias.

Caminhou naquela direção, o vulto pisoteando sepulturas, esbarrando em cruces, dominando por uma pressa alucinada e animalesca.

Seus olhos faiscavam, vencendo a neblina. Sua respiração apressava-se, suas mãos se abriam e fechavam, ensaiando carícias violentas.

Seus lábios pareciam ressequidos, famintos, sedentos, como se descobrissem, naquele momento, o imenso deserto onde sobrevivera ao longo daqueles anos todos.

Uma secreta esperança o animava. Poderia aquele corpo jovem e terno devolver-lhe a antiga vitalidade e beleza?

Apanhou uma enorme pá e retornou sobre suas pegadas, agora mais apressado que antes. O metal começou, enfim, a penetrar a terra macia, retirando mais e mais, alargando o buraco, afundando-o.

Torg suave, apesar da neblina fria. Sua respiração atingia um nível de super excitação. Seus olhos destilavam sangue e de sua boca escorria uma gosma sanguinolenta.

O som oco da pá batendo contra a madeira do caixão provocou uma radical reação em seu corpo. Caiu de joelhos, jogando a ferramenta para o lado e, com as próprias mãos, removeu a terra restante.

Sua força se multiplicara. Foi-lhe fácil alçar o ataúde e arrombá-lo com a pá. a tampa foi afastada. Torg olhou demoradamente aquele rosto bonito e trágico.

Seu corpo estremeceu, como que movido por um espasmo. Seus olhos reviraram-se, sua boca se abriu descomunal, seus dentes úmidos avançaram.

Ele se debruçou sobre o ataúde, procurando os botões da delicada blusa de rendas que a garota usava. Soltou-os, afastando os tecidos. Contemplou aqueles seios rijos e belos, assim como a ferida produzida pela estaca. Fora removida. Depois colocaria outra.

Agora precisava satisfazer-se, precisava manter-se, precisava sobreviver. Inclinou-se mais e mais, até que sua boca repugnante cobrisse um dos seios da garota.

Torg antegozou o prazer do momento máximo, alisando aquela pele fria com seus dentes. Depois, num espasmo prolongado, suas fauces se fecharam violentamente e ele mascou, com indizível satisfação, aquela carne tenra, como o mais vil dos carnicheiros.

—

Naquela manhã, o professor acordou com uma estranha questão em sua mente. A cada momento envolvia-se mais com o fantástico daquela história. A conversa com o velho, na noite anterior, não o esclarecera em nada.

Ainda havia muitas respostas pendentes e o velho não soubera solucionar nenhuma. Apenas se referia à lua e, depois, dissera coisas sem nexos, como que delirando ou extravasando todo o medo que habitava sua alma.

Intrigava o professor, ainda, o fato de o vampiro detestar alho, evitando-o. Assim as velhas casas se protegiam daquele espírito maligno.

Hilgenstiller não deixara de relacionar o fato ao que acontecera à esposa daquele camponês. Ela caíra numa cabana, um depósito de lenha, e permanecia muda, sem conseguir explicar o que realmente acontecera.

O cheiro de alho em suas mãos aguçava a suspeita do cientista. Poderia haver alguma relação. A fazenda ficava perto do castelo. Lá aparecera pela primeira vez aquele misterioso lobo, capaz de arremessar um cão pastor ao alto de uma plataforma de celeiro.

Havia dúvidas, muitas dúvidas, mas, naquela manhã, sua curiosidade era maior num ponto interessante. Estivera no cemitério e não se lembrava de haver visto nenhum túmulo com o nome dos Drácula.

Quando saiu da estalagem, naquela manhã, hesito entre se deixar vencer pela curiosidade e ir se certificar ou visitar Larah.

Resolveu passar pelo hospital em primeiro lugar. Caminhou pelas ruas ainda cobertas pela neblina que o sol lograva desfazer aos poucos.

A umidade gotejava dos beirais dos telhados, acumulava-se nas paredes das casas e tornava liso e brilhante o calçamento das ruas.

Viu Klauss chegar com seu jipe ao escritório e foi até lá. O oficial passara uma noite mal dormida, pela expressão fechada do rosto.

— Algum problema, oficial?

— Fui até uma fazenda. O maldito lobo dilacerou a garganta de algumas ovelhas...

— Algumas?

— Sim, isso é intrigante. Ele não mata pela fome. É mau, é pura maldade. Arrasta suas vítimas...

— Arrasta?

— Sim, elas nunca estão no local onde ele as atacou...

— E como chegou a essa conclusão?

Klauss dirigiu seu olhar mais glacial ao professor, percebendo, nas palavras dele, um acento de ironia. Suspirou, aborrecido.

— Simplesmente porque não encontramos sangue no local onde as encontramos...

— E encontraram o local onde elas foram mortas?

— Não... Não conseguimos localizar, mas isso não faz diferença alguma — resmungou o policial, virando as costas para entrar.

Estacou, porém, como se algo interessante houvesse chamado sua atenção. Voltou-se e olhou além do professor. Seus olhos brilharam intensamente, como se a vida voltasse a eles, expulsando todo o seu cansaço e sua irritação.

Intrigado, o professor se voltou. Um sorriso maravilhoso esboçou-se em seus lábios. Linda como sempre fora, Larah avançava ao seu encontro. O professor abriu os braços e lutou contra as lágrimas que teimavam em rolar.

— Oh, papai, eu queria lhe fazer uma surpresa! — exclamou a garota, lançando-se nos braços dele.

Hilgenstiller apertou com indescritível satisfação o corpo saudável da filha. Depois a segurou pelos ombros, olhando-a incrédulo.

Suas faces bonitas estavam coradas.

— Não devia estar hospitalizada ainda?

— Falei com o médico ainda há pouco. Ele não viu motivo para que eu permanecesse lá. Estou curada... E ainda nem sei que mal me atacou... — sorriu ela, olhando por sobre os ombros do pai.

O professor se voltou e notou a expressão maravilhada de Klauss, como se estivesse diante da beleza maior que seus jamais viram.

— Acho que conhece nosso oficial de polícia... — ia dizendo.

— Sim, já nos conhecemos — afirmou Larah, olhando Klauss de um modo que fez o policial estremecer.

— Fico feliz que tenha se recuperado, Srta. Hilgenstiller.

— Larah apenas, por favor — sorriu ela.

— Larah — repetiu ele, como se o pedido dela fosse uma ordem a ser cumprida imediatamente.

O modo como ele olhava a garota perturbou Hilgenstiller. Olhou discretamente sua filha. Era, realmente, uma bela garota.

A doença parecia, agora, não havê-la abatido, mas restaurado sua vitalidade, dando-lhe um novo fascínio.

— Ia a algum lugar, papai? — indagou ela.

— Bem... Eu tinha realmente algo a fazer, mas vou deixar para mais tarde. Acho que temos muito que conversar...

— Não seja por isso, vamos ter muito tempo. Vá, continue o que pretendia. Estou certa que o oficial Klauss não se importará em me acompanhar até a estalagem...

O professor se voltou para Klauss. Um sorriso embevecido nos lábios dele o convencia de que nada no mundo daria maior satisfação ao policial.

Constrangido, concordou.

— Se não for ousadia minha, gostaria de lhe oferecer um café. Ouvi dizer que o desjejum do hospital é péssimo.

— E está totalmente certo — confirmou ela sorrindo sedutoramente.

O casal se afastou sob o olhar intrigado do professor. Ficou observando até que os dois entrassem na estalagem. Depois caminhou lentamente na direção do cemitério.

Caminhou por entre as sepulturas, enquanto o sol, finalmente, vencia a neblina e vinha livrar o local daquele aspecto fantasmagórico.

Hilgenstiller procurou entre os túmulos e os jazidos, mas nada havia que pudesse matar sua curiosidade. Ia se retirar, quando percebeu a chegada de um homem, possivelmente o coveiro. Foi até ele, sendo olhado com curiosidade.

— Pode me dar uma informação? — indagou.

— No que puder, senhor.

— Este é o único cemitério?

— Como assim?

— Este é o único cemitério no vale, desde que os primeiros moradores se estabeleceram aqui?

— Oh, não, senhor. Há muitos e muitos anos as pessoas habitam este vale. Houve um outro cemitério, estou certo disso. Meu pai, que também foi coveiro, falou-me dele. Fica em uma das encostas, mas não sei precisar o local...

— Então houve outro... Alguém na cidade saberia o local certo?

— Penso que na prefeitura... Talvez nos velhos registros, não sei ao certo...

— Já me deu uma boa indicação. Sabe me dizer qual o túmulo mais velho deste cemitério?

O homem o olhou intrigado, estranhando a pergunta, mas parecia saber a resposta.

Apontou a direita, onde havia um jazido de família em mármore negro.

— É aquele, suponho. Pertence à família Wasilek e o último descendente morreu há uns vinte anos, mais ou menos.

Hilgenstiller agradeceu e caminhou na direção apontada. O austero monumento apresentava sinais da passagem do tempo. Hilgenstiller só precisava de uma data e isso era importante para satisfazer sua curiosidade.

Empurrou a grade de ferro e desceu alguns degraus. Com a chegada do sol, havia luminosidade o bastante para que observasse as datas inscritas nas gavetas.

— Mil oitocentos e noventa e cinco! — leu, finalmente, na mais antiga inscrições.

Deixou, pensativo, o local. Há mais ou menos oitenta anos, portanto aquele cemitério fora inaugurado. Isso levava a crer que nenhum dos

membros da família Drácula fora sepultado ali, já que o último deles morrerá havia aproximadamente cem anos, segundo o que já lera naquele livro.

Precisava, então, localizar o antigo cemitério. Talvez algumas respostas surgissem com isso.

\*\*\*

Klauss levantou a xícara de café e levou-os aos lábios, enquanto olhava fixamente para o rosto jovem e bonito da garota diante de si.

Havia qualquer coisa de fascinante nele. Uma força estranha que o envolvia e despertava sonhos inquietantes, desejos arrebatadores, reações físicas desconcertantes.

Larah parecia perceber a perturbação que sua presença provocava, não apenas em Klauss, mas nos outros homens que estavam na estalagem, naquela manhã.

Todos eles a olhavam de um modo especial, como que a devorando e despindo-a. Havia desejo em cada olhar. Uma atração física magnética os atraía para ela.

Sorriu e Klauss sorriu também, como se sua vontade estivesse submissa à vontade dela.

— É muito gentil, oficial! Eu o via tão sisudo, confesso que estou surpresa...

— Ora, as pessoas que não me conhecem, a fundo têm essa impressão. Sou um bom sujeito, esteja certa disso.

Larah lançou um olhar pelas paredes antigas do salão, pelas vigas do teto, pelo balcão encardido e pela prateleira rústica, onde garrafas empoeiradas atestavam a idade de bons vinhos.

Era estranho como se sentia bem, depois daquela doença misteriosa. Não se lembrava de nada, mas isso não tinha importância alguma.

Importava-lhe o que estava sentindo. Aquele parecia seu ambiente e aqueles homens pareciam sua corte.

Era uma sensação nova, deliciosa, que brincava estranhamente com seus sentidos. Klauss, diante dela, era seu mais fiel vassalo, disposto a dar sua vida por ela.

Essa idéia provocava um tipo estranho de inquietação que não a assustava, mas convidava.

— Gosto de tudo isso aqui — murmurou.

— Há muita coisa interessante por aqui... O vale é maravilhoso, oferece muitas belezas... Nenhuma como a que... — interrompeu-se ele, observando a reação da garota.

Ela sorriu e seu olhar parecia incentivá-lo.

— Continue, por favor! — acrescentou ela.

— Gostaria de circular pelo vale? Eu teria o maior prazer em acompanhá-la...

— Está apenas sendo gentil, oficial. Deve ser um homem ocupado...

— Tenho meus momentos de folga. Se quiser, realmente, eu posso lhe mostrar muita coisa...

— Eu adoraria — afirmou ela, num tom melodioso e perturbador, como se deixasse escorregar palavra por palavra de seus lábios úmidos.

Klauss suspirou emocionado, definitivamente seduzido pela beleza e pelo fascínio daquela jovem.

— Vai aguardar um convite, meu?

— Com todo prazer — afirmou ela, bela e misteriosa.



## CAPÍTULO 6

A saúde da filha devolveu ao professor um pouco da tranquilidade perdida. Com calma e método, agora, dedicou-se a localizar o antigo cemitério, mas sua existência parecia haver sido riscada da história da cidade.

Mesmo na prefeitura, os registros mais antigos, segundo lhe informaram, haviam sido destruídos num incêndio, não havendo nenhuma indicação do velho campo santo.

Isso era suspeito e intrigante. Alguém, naquele vale, deveria algum dia ter passado pelas proximidades do local. Ele simplesmente não podia ter desaparecido, soterrado pelo tempo, oculto definitivamente aos olhos da população.

Em alguma parte deveria haver indícios de sua existência. Antigos túmulos não se desfaziam em pó após cem anos.

Valeu-se, então, das informações que colhera no livro e, com afinco, pôs-se a pesquisar os livros velhos que trazia da biblioteca.

Parecia-lhe importante localizar o local, por isso deixou de lado o livro dos Drácula para se dedicar tão-somente à nova tarefa.

Os dias passavam serenos e ensolarados e, à noite, a neblina gradativamente foi se desfazendo, até que céus maravilhosos se exibiam aos olhos contemplativos do professor.

Aproximava-se nova lua cheia, mas em momento algum esse detalhe trouxe algum significado para o cientista, debruçando sobre os livros.

Larah parecia mais linda a cada novo dia, sem demonstrar qualquer vestígio da tragédia que quase lhe roubara a vida.

Cultivava um amor inesperado e intenso pelo vale. Quando falava de suas belezas seus olhos brilhavam intensamente e a empolgação de suas palavras chegava a contagiar o professor.

A lembrança daqueles dias negros transformara-se, agora, numa vaga recordação, assim como um pesadelo que a chegada do dia desfaz.

Dentro de si, porém, o professor sabia. O trabalho talvez lhe tirasse todo o tempo, impedindo-o de lembrar. Havia momentos até, que se interrompia para indagar qual o objetivo do que fazia.

Aí, então, aquela figura monstruosa surgia em sua mente, assustando-o, impulsionando-o a ir fundo naquele mistério que, até agora, mostrava-se insolúvel.

Nada novo fora acrescentado e tornava-se difícil elaborar um mapa do vale com as indicações antigas. Ainda assim, pouco a pouco ia recompondo aquele quebra-cabeça, pressentindo que em breve chegaria ao término.

Faltavam, talvez, dois dias para a lua cheia. Naquela noite, Larah vestiu-se com esmero, como vinha fazendo todas as noites, e passou pelo quarto do pai.

— Ainda trabalhando? — indagou ela, indo beijá-lo.

Hilgenstiller acariciou o rosto da jovem, enquanto recebia um beijo em sua face. Por momentos um arrepio estranho percorreu seu corpo. Sentiu a pele da garota fria como o gelo. Da mesma forma fora o toque de seus lábios.

— Não está com frio, filha?

— Não, por que pergunta?

— Por nada... Aonde vai hoje?

— Klauss prometeu me levar a uma festa de casamento. É numa fazenda aqui perto. Os noivos dançarão tradicionalmente e os convidados estarão vestidos a caráter. Por que não vem conosco?

— Estou muito velho para esse tipo de festa, querida. Vá e se divirta. Diga a Klauss para tomar cuidado com o lobo...

A garota riu e girou o corpo com uma leveza surpreendente. Estava um tanto pálida. Hilgenstiller preocupou-se, apesar de Larah aparentar muita vitalidade.

— Não a vi durante o dia — observou ele.

— Estive em meu quarto — respondeu ela, evasivamente. — Klauss tem me acompanhado em uma verdadeira maratona pelos locais mais belos da cidade, todas as noites, em seus momentos de folga. Além disso, sinto-me sempre indisposta durante o dia. A claridade parece me afetar... À noite, porém, sinto-me bem, muito bem — respondeu ela, num tom misterioso que o professor não entendeu. — Eu já vou. Boa-noite, papai. Cuide-se e vá dormir cedo.

— Boa noite! — respondeu Hilgenstiller, enquanto ela saía lépida pela porta.

Momentos mais tarde, o ronco do motor do jipe afastando-se indicava que ela e Klauss estavam saindo mais uma vez. O professor ficou imóvel em sua cadeira, olhando o documento que localizara no registro de imóveis.

Era a planta de uma antiga fazenda e, numa de suas divisas, havia um nome que ele reconheceu. Precisava apenas atualizar a descrição do imóvel e obteria, assim, sua melhor pista.

Deveria estar satisfeito, afinal, mas sentia, lá no fundo de seu coração, uma apreensão indefinida, algo como um alerta, um pressentimento.

Vagou os olhos pela prateleira que improvisara a sua frente, na parede. Fixou-se na lombada do antigo livro dos Drácula. Arrepiou-se instintivamente.

\*\*\*

Klaus diminuiu a marcha do veículo e estacionou-se à beira da estrada. Voltou-se para Larah, passando seu braço pelos ombros dela, puxando-a para si.

Docilmente ela se deixou apertar e, quando os lábios dele buscaram os seus, uma volúpia intensa percorreu-lhe o corpo e ela se entregou àquele beijo com uma ardente disposição.

As mão dele se soltaram sobre seus contornos macios e definidos, embriagadas e tontas de prazer, massageando-lhe os seios, acariciando-lhe o ventre delicado, apertando as carnes sedutoras de suas coxas.

Larah ofegou, presa naquele desejo intenso que fazia seu corpo e a assanhava mais e mais. Os dentes de Klauss mordiscaram seus lábios e ela retribuiu a carícia com paixão, até que um leve sabor de sangue tomasse conta de sua boca.

Ele a soltou, então, olhando-a deslumbrado. Larah ofegava, a respiração fora de controle, o coração aos saltos, aquele sabor de sangue ganhando um significado novo, mas desconhecido ainda.

Era como se qualquer coisa tocasse seus instintos, espicaçando-a. Levantou lentamente uma das mãos e tocou os lábios de Klauss. Descobriu ali um ponto úmido.

— Não se aborreça, não doeu, juro — murmurou ele, puxando-a para si novamente.

— Não! — rouquejou ela, voltando a tocar o lábio cortado.

Aquele sangue morno em seus dedos a fazia estremecer. Ela percebia-lhe a viscosidade, sentia-lhe o cheiro, como se, de repente, toda ela se concentrasse naquele pequeno detalhe.

— Já lhe disse, acidentes assim são tão excitantes — insistiu ele, atraindo-a novamente.

Os lábios de Larah se abriram, cobrindo os dele, sugando-os, misturando saliva ao sangue que fluía lentamente. Todo o seu ser se abalou, como se uma descarga de luxúria e prazer a levassem ao orgasmo pura e simplesmente.

Ela abraçou-se a ele, esfregando seus corpos e sugando-lhe avidamente os lábios. Incentivado as mãos dele se soltaram novamente pelo seu corpo, buscando os botões da blusa, dando liberdade aos seios redondos e apetitosos.

Massageou-os e apertou-os entre os seus dedos, enquanto se deixava beijar ardentemente pela garota. O modo como ela o fazia alucinava Klauss, fascinando-o, excitando-o brutalmente.

Ele sentia a pressão dos lábios dela e os movimentos ritmados da língua feminina dentro de sua boca. Sentiu que Larah o mordia novamente, mas não havia dor e sim um imenso prazer.

— Larah! — rouquejou ele, segurando-a pelos ombros e afastando-a para olhar aqueles seios que, à luz pálida das estrelas, ganhavam uma beleza toda especial, pura e natural como a imensidão silenciosa que os cercava.

Seu tronco flexionou-se e seus lábios buscaram um daqueles seios, sugando-o e lambendo-o com desejo. Larah apertou-o contra si. Aquela carícia completava as sensações contrárias que abalavam seu corpo.

Aquele sabor de sangue em sua boca era o mais poderoso dos afrodisíacos. Suas mãos acariciaram as costas dele, depois foram se juntar ao redor da garganta do homem.

Larah descobriu um prazer adicional acariciando ali, onde podia sentir a pulsação daquelas veias intumescidas pela excitação.

Klauss abraçou-a com força, desejando despi-la e possui-la ali mesmo.

— Não, Klauss, comporte-se! — pediu ela. — Vai amarrotar toda a minha roupa, o que os outros vão dizer?

— O que me importa o que eles digam ou estão dizendo? — retrucou ela, rouco pela paixão.

— Klauss! — repreendeu-o ela, empurrando-o delicadamente.

Ele suspirou fundo e endireitou-se em seu assento. Procurou nervosamente um cigarro e acendeu-o. Larah prendeu um a um os botões de sua blusa, depois o encarou.

Klauss se voltou com que atraído pelo olhar mágico da jovem.

— Você me alucina, Larah. Seja minha, por favor — suplicou ele, tomando-lhe uma das mãos e beijando-a.

— Serei, no momento certo...

— E quando será isso?

— Quando eu decidir — respondeu ela, ainda saboreando o resto de sangue em sua boca,

Klauss representava, para ela, algo novo, uma descoberta importante ainda não de todo compreendida. Ele a fascinava, seu sangue a atraía, embora Larah não o entendesse realmente.

No fundo, porém, tudo lhe parecia normal, natural, como se sempre tivesse desejado aquilo e daquela forma.

— Quando a terei para mim, Larah? — indagou ele, impaciente.

— Já lhe disse, quando chegar o momento certo...

— Diga-me, então, quando?

— Quer mesmo saber? — retrucou ela, olhando o céu.

Na verdade, sabia que se entregaria a Klauss, mas algo lhe dizia que haveria o momento adequado. Olhando o céu, naquele instante, a resposta lhe pareceu lógica e fácil.

— Na lua cheia... — murmurou, vagamente, assoprando lentamente as palavras.

— Na lua cheia... Dentro de dois dias?

— Dois dias? — sorriu ela.

— Sim, dentro de dois dias... É uma promessa?

— Há uma velha cabana de caça numa das encostas. O local fica num bosque maravilhosos. A relva verde, as flores, um perfume constante, uma

fonte cristalina a alguns passos da porta... É tão maravilhoso. Iremos para lá. O que me diz?

— Acho maravilhoso!

— Vamos ver a lua surgir entre as árvores e nos amaremos à luz dela, com a janela aberta, com a brisa completando nossas carícias mais ardentes — descreveu ele, excitado e inquieto.

Larah sorriu, enquanto lambia os próprios lábios, procurando ali um resto de sangue. Não o encontrando, segurou o rosto de Klauss entre suas mão e atraiu-o para si, mordendo e sugando seus lábios com sofreguidão.

Soltou-o, em seguida, e respirou fundo, deliciada. Um lobo uivou ao longe, mas isso não a assustou. Ela se lembrou, então, das palavras do pai.

— Meu pai recomendou que nos cuidássemos como o lobo...

Klauss olhou ao seu redor, retraindo-se instintivamente.

— Não fale desse maldito lobo. Já matou mais ovelhas que a pior das pestes... Mas ainda vamos apanhá-lo... Há armadilhas por todo o vale e os pastores estão armados, esperando por ele. Cedo ou tarde nós o pegaremos.

— É tão grande como dizem?

— Acho que já duplicaram seu tamanho com tantas histórias. O povo está apenas assustado. Julga que se trata de um demônio ou coisa assim. Superstições tolas, apenas isso... — descartou ele, sem olhá-la.

\*\*\*

Torg estivera vasculhando aquela velha carroça, oculta num ponto qualquer no pátio do castelo. Sabia que ali, em alguma parte, tinha o que procurava.

Quando encontrou a velha caixa, apertou-a contra o peito, olhando ao seu redor. Rumou para o castelo, em seguida, descendo ao calabouço.

Procurou uma das salas mais velhas e entrou nela, levando uma tocha. Firmou-a na parede, depois depositou a caixa sobre uma antiga mesa de tortura.

Abriu-a lentamente. Havia um veludo vermelho enrolado a um objeto. Torg desembalou-o cuidadosamente e empunhou um espelho de tocador com a moldura de prata.

Não olhou de imediato sua imagem, embora desejasse fazer aquilo há algum tempo, desde, precisamente o momento em que se deliciara com a carne tenra e revigorante do corpo daquela jovem.

Era uma espécie de nosferato, um vampiro de cemitério, repartindo com seu mestre uma quase semelhante maldição. Assim estariam sempre juntos, sempre vivos.

Drácula se conservava ao longo dos tempos. O sangue das jovens o havia reanimado. Para Torg, no entanto, parecia não haver esperanças.

Talvez jamais voltasse a recuperar a antiga beleza. A esperança de que uma pequena modificação tivesse se operado, animando-o, o fazia segurar aquele espelho com mãos trêmulas agora.

O mestre lhe prometera um corpo novo, mas isso poderia demorar. Torg estava impaciente, emoções há muito guardadas ganhando ânimo novamente.

Levantou o espelho lentamente, pondo-o diante do rosto. Um riso de escárnio delineou-se em seus lábios grossos e repugnantes.

Olhou o formato aquilino do nariz, os olhos quase revirados e estalados como os de um sapo repelente, a pele lembrando algo podre, sem brilho, sem cor, sem nada.

Seus olhos brilharam como se lágrimas estivessem neles. Arrepiou-se instintivamente, ao pressentir a presença maligna a suas costas.

Observou pelo espelho, não havia ninguém, mas aquela respiração pesada e animalesca batia contra seu pescoço. Voltou-se repentinamente e um frio mortal gelou seu estômago.

De pé, olhando-o com olhos faiscantes, a negra capa enrolada ao corpo esguio, estava Drácula.



— O que faz com isso? — indagou o vampiro.

— Eu pensei que... Essa minha carcaça... Perdoe-me, mestre! — exclamou, caindo de joelhos diante do outro.

Por momentos, laivos de piedade cintilaram no olhar do monstro. Ele estendeu a mão e tomou o espelho das mãos do corcunda.

— Eu lhe prometi um corpo novo, Torg, e você o terá um dia, saiba esperar. Vivemos a eternidade, o tempo não conta para nós. Os dias virão e passarão. Fatos terão lugar, pessoas nascerão e morrerão, mas estaremos presentes para todo o sempre, observando e vivendo — disse o vampiro, rodando o espelho diante de si.

A superfície polida nada refletia. Baixou os olhos para Torg.

— Seu corpo o aborrece, meu fiel criado?

— Sim, mestre, mas esperarei, prometo...

— Deve se considerar um homem feliz, Torg. Pelo menos tem o privilégio de apreciar a própria repugnância. Quanto a mim, jamais verei meu rosto. Jamais saberei como estou ou como sou... Não acha isso uma terrível maldição?

— Mas o mestre é um homem belo... Forte... Sua presença se impõe.

— Foi bom lembrar isso, meu amigo. A lua cheia se aproxima e sinto-me forte o bastante para partimos.

— Partiremos?

— Sim, assim que apanharmos o tesouro. Minha sede se define e quero gozar os prazeres adormecidos em mim. Minha impaciência não tem limite — sorriu Drácula.

## CAPÍTULO 7

Alho, estacas, figuras transparentes que atravessavam portas, homem que se transformava em morcego e transmitia sua maldição a cada dentada...

Esses conhecimentos agora turbilhonavam na mente do professor, após haver passado toda aquela noite em claro, debruçado sobre o livro.

A lenda era fantástica, inacreditável para um espírito científico e neutro, mas o professor tinha motivos para inquietar-se.

A lenda narrava que a vítima do vampiro, nas noites de lua cheia, também praticava o vampirismo. Sua preocupação com Larah se acentuou.

Aquela noite seria a primeira de lua cheia após os trágicos acontecimentos. Hilgenstiller clamava por Deus, valendo-se de uma religiosidade havia muito esquecida dentro de dele para encontrar algum apoio e proteção.

Larah era sua única filha querida. Ele a amava mais que a qualquer coisa em sua vida. Teria o maldito vampiro a contaminado com sua maldição?

Reviveu as cenas macabras daquela noite, havia quase um mês atrás. Virá o monstro com a boca lambuzada de sangue. Vira Larah adoecer misteriosamente. Vira as fases da lua trazerem uma melhora milagrosa e surpreendente.

Mas a lenda era clara. Toda vítima do vampiro se transformava também num vampiro, a menos que se cravasse uma estaca de madeira em seu coração ou banhasse com água benta.

Hilgenstiller, angustiado, cobriu os olhos cansados e estirou-se na cama, desejando acordar daquele terrível pesadelo. Não havia sono em seu corpo.

Ele pensou em Larah, em como ela parecia se esconder durante o dia para vagar à noite na companhia de Klauss. Tudo era muito suspeito e encontrava, na lenda, a explicação. O vampiro teme a luz do dia.

Ergueu-se do leito e foi até a porta de seu quarto. A dúvida persistia. Precisava ver a filha, falar com ela. Atravessou o corredor e foi bater no quarto dela.

Não obteve resposta, o que aumentou sua apreensão. Tocou a maçaneta, girando-a. A porta não estava trancada. Empurrou-a.

As grossas cortinas estavam fechadas e, à claridade que entrava pela porta, ele divisou o corpo da filha, estendido sobre o leito, as formas jovens delineadas sob o lençol que a cobria.

Não tinha o direito de entrar ali, daquela maneira, mas não podia evitar. Caminhou silenciosamente até ela. Larah dormia, o rosto pálido como Hilgenstiller jamais vira antes. Suas mãos femininas e delicadas cruzavam-se sobre o peito. Sua respiração era imperceptível. Um calafrio percorreu a espinha do homem e ele recuou alguns passos.

Naquela posição, Larah lembrava um cadáver em seu ataúde. A palidez, a posição das mãos, a respiração quase suspensa, tudo lhe trazia aquela amarga e inaceitável comparação.

Voltou a se aproximar do leito. Estendendo a mão e tocou o rosto da filha. Sua mão se retraiu imediatamente. Aquela pele era fria como a de uma morta.

Hilgenstiller recuou para a porta, o coração cheio de pressentimento, a alma dilacerada pela terrível dúvida.

Voltou ao seu quarto. Deveria haver alguma outra salvação para sua filha e, nessa esperança, voltou a debruçar-se sobre o livro, remendando página por página, às vezes linhas por linha.

Seu medo e seu desespero aumentaram, à medida que continuou a leitura. Larah podia se transformar num vampiro. Um ser imortal pela

maldição, voando pelo tempo como um morcego chupador de sangue, fazendo vítimas e mais vítimas.

Isso significava um exército de seres anormais se multiplicando até que nenhum mortal filho de Deus restasse sobre a face da Terra.

— Klauss! — exclamou, levantando a cabeça.

A manhã já estava no fim. Hilgenstiller não sentia cansaço algum. Levantou-se apressadamente e deixou o quarto. Rumou para o gabinete do oficial de polícia.

Parou diante da escrivaninha e olhou-o fixamente.

— Klauss, Deus me perdoe pelo que vou dizer, mas você corre extremo perigo!

O oficial se levantou lentamente, encarando o professor com surpresa.

—

Anoitecerá há duas ou três horas e Klauss ainda estava em seu gabinete, incapaz de tomar uma decisão. As palavras de alerta do professor ainda soavam em sua cabeça como marteladas cruéis.

Havia medo em seu coração. Um medo profundo, um pavor desconhecido. Não se tratava de ludibriar uma cidade com falsas informações. Não se tratava de afastar daqueles corações o pânico gerado na mais maldita das superstições.

Klauss nascera em Kizna, andara por aquele vale de um lado para outro e soubera, muito antes do professor aparecer, muito antes de muitos aparecerem.

Havia uma maldição. Um ser monstruoso e maldoso, fruto inconseqüente de um demônio e de um ventre amaldiçoado reinara ali e, mesmo após sua destruição, aquele reinado do terror persistia com o passar do tempo, oculto nos corações e nas mentes.

Tudo estava ligado àquele assombrado castelo em ruínas. O fogo que lhe atearam talvez tivesse destruído o ser, mas não destruíra sua ameaça.

Sempre haviam dito que ele voltaria um dia, acordado de seu sono, ressuscitado de sua morte, regenerado com um justo no dia do Juízo Final.

Talvez esse dia tivesse chegado. Talvez aquele lobo sanguinário fosse ele. Talvez Niita fosse uma de suas vítimas. Talvez a esposa de Mikael fosse outra, emudecida pelo pavor, jogada agora num asilo de loucos irrecuperáveis.

E Larah...

Levou as mãos ao rosto, cobrindo-o como se assim pudesse esconder-se de toda a sua preocupação. A figura apaixonante da garota sobrepunha-se, como se o houvesse enfeitiçado.

Ele a queria. Larah o fascinava, entrara em seu sangue, pusera fogo em suas veias. Poderia tê-la naquela noite ou poderia encontrar sua própria morte.

Queria ver naquilo o maior dos absurdos. Queria afastar todas aquelas barreiras de sua frente e correr ao encontro dela para uma noite de amor total.

Queria envolvê-la em seus braços, apertá-la contra o corpo, sentindo-lhe o fascínio de fêmea, dominando-a, apossando-se dela como um garanhão feroso.

Larah o incendiava, perturbava seus sentidos, atraindo-o irresistivelmente. Imaginar que ela o esperava naquele momento, a mais bela e sã das virgens, sequiosa de carinhos másculos e viris que a transformariam numa mulher pelo milagre do sexo.

Esmurrou a mesa com força, estremeceu pelo desejo, ardendo naquela febre de paixão. O desejo brilhava com seus sentidos, sugerindo convites, insinuando mentiras.

Precisava voltar a falar com o professor. Queria saber o que descobrira de novo no livro que lia. Era preciso encontrar um modo de livrar Larah daquela maldição, se ela estivesse contaminada.

Nesse ponto toda sua mente voltava a se confundir e seu raciocínio era incompleto. Talvez tudo não passasse de loucura do professor.

Aquele velho talvez tivesse ciúmes da filha e desejasse impedir aquele encontro. Poderia estar transtornado, desde aquela noite, quando Larah fora hospitalizada.

Alguma coisa acontecera no castelo, mas Larah poderia ter-se ferido de mil e uma maneiras. Aquele castelo era velho, empestado por ratos e insetos. A infecção seria inevitável.

Pensou em Baja, o rapaz que se suicidara. Sete garotas tiveram suas gargantas cortadas no calabouço do castelo. O que teria havido lá, afinal de contas?

Levantou-se resolutamente. Precisava ver o professor. Ia deixar o gabinete, quando a porta se abriu lentamente, sem um ruído.

Klauss estacou, enquanto a brisa soprava suavemente, agitando seus cabelos. Ele fixou o olhar no vulto esvoaçante que caminhava para dentro do gabinete.

Larah parecia deslizar sobre a madeira. A brisa brincava alegremente com seus cabelos e a túnica branca usada por ela a fazia mais linda e desejável.

As palavras morreram na garganta de Klauss, quando os olhos dela se fixaram nos seus.

— Eu o esperei... O que houve? — indagou ela, a voz melodiosa e sensual, o olhar brilhante segredando sedução.

— Eu... Eu estive ocupado. Na verdade, estava indo para lá agora...

— Foi uma pena. Não poderemos ver a lua nascer enquanto nos amamos. Ela surge agora de detrás da encosta...

— E seu pai?

— Ele dorme agora... Tem trabalhado demais... Quando saía, eu o vi debruçado sobre a mesa de estudos...

Klauss tinha muita coisa a dizer a ela, naquele instante, mas permaneceu em silêncio, como que magnetizado pelos olhos dela, que parecia chamejar agora.

Larah se aproximou e levantou a mão, acariciando-lhe os cabelos. Depois aproximou seus lábios dos dele, mordiscando-os levemente.

Klauss estremeceu. Aquele perfume de fêmea sedutora e excitada embriagou seus sentidos, roubando-lhe a razão. Apertou-a contra o corpo, beijando-a alucinadamente no pescoço e nas faces frias como o gelo.

— Vamos Klauss... Eu prometi que você me teria hoje — murmurou ela, roçando seus dentes contra o pescoço dele?

— Aonde iremos?

— Vamos fazer amor na relva, como as ovelhas e os cabritos...

— Devo apanhar o jipe?

— Não, a noite está maravilhosa vamos caminhar. Você me dará o braço e caminharemos através da cidade como um casal de enamorado a caminho do altar — sorriu ela.

— Sim, Larah. Como você quiser — concordou ele, dobrando o braço à cintura.

Larah prendeu-se a ele e juntos caminharam para a porta. Desceram para a rua e caminharam para fora da cidade. A lua surgia por sobre a encosta, jogando prata sobre os telhados e sobre a vegetação.

Havia uma beleza assustadora naquela noite, mas Klauss já não pensava nisso. Todos seus sentidos estavam paralisados, como se sugados pela mágica presença de Larah. Apenas sabia contemplá-la e antecipar o prazer de tê-la para si.

Deixaram a cidade para trás e caminharam à margem da estrada. Longe deles, no outro extremo, o castelo sombrio espreitava.

— Jamais havia me sentido tão excitada — disse ela, soltando-se do braço dele e girando a sua frente, até ir apoiar-se contra o tronco de uma árvore.

Ali parou, olhando Klauss se aproximar hipnotizado. Ela soltou os botões principais da túnica, depois desfez as alças. O tecido escorregou para o chão, deixando a mostra seu corpo maravilhoso e sedutor.

Os sentidos de Klauss explodiram de desejo e ele correu para abraçá-la e beijá-la com sofreguidão, machucando-a com seus dentes, fazendo brotar em suas bocas um sabor adocicado de sangue.

Larah se esfregou a ele numa volúpia incontrolável, mordiscando seu pescoço e seus ombros, roçando seus seios contra o peito dele, girando os quadris em movimentos que o levavam ao delírio.

Empolgado, Klauss se despiu com rapidez. Seus corpos nus se esfregaram com luxúria. Mãos e lábios experimentaram as carícias mais febris e intensas. Klauss a abraçou. Seu desejo era possuí-la de imediato.

O desejo o transtornou, assim como a ela, que o arranhava mais e mais com seus dentes e suas unhas, acentuando aquele cheiro de sangue que a entontecia e brincava com seus sentidos, espicaçando-a brutalmente.

— Larah, eu a quero agora... Não posso esperar, amor. Você me enlouquece, me alucina — rouquejou ele, procurando penetrá-la.

— Sim, Klauss, venha, amor! Sou sua, tome-me, aposses-se de mim, seja minha vida e fonte de eterna juventude... — murmurou ela, as palavras entrecortadas pela volúpia assanhada que a dominava.

Klauss flexionou os joelhos e agarrou-a pela cintura, apertando-a contra a árvore. Ele respirou fundo, antegozando o momento da posse, assim como ela o fazia.

Na sua volúpia, Larah abriu a boca para um suspiro prolongado. A luz da lua rebrilhou em seus dentes, onde se destacavam duas enormes presas, pontiagudas e sinistras. Ela aguardou o momento supremo.



Num arranco espasmódico, Klauss penetrou-a apaixonado, enquanto Larah, com indizível prazer, cravava em seu pescoço as presas de vampiro.

\*\*\*

Hilgenstiller acordou num sobressalto.

Ergueu-se da mesa e correu para a porta. Foi até o quarto de Larah. O desespero estampou-se em suas faces.

Desceu apressadamente as escadas e indagou ao estalajadeiro. Este informou que Larah saíra há menos de uma hora.

— Klauss! — exclamou o professor, correndo para a rua.

Rumou ao gabinete do oficial. Encontrou à porta o carcereiro.

— Onde está Klauss?

— Não sei, quando cheguei, ele já havia saído...

— Mas estou vendo o jipe ali...

— Deve ter saído a pé...

Um jovem que passava ouviu as perguntas do professor e se aproximou.

— Procura pelo oficial Klauss?

— Sim, você o viu?

— Ele deixou a cidade com sua filha, professor. Foi naquela direção.

— Quando foi isso?

— Uma hora, talvez menos, não estou bem certo...

Hilgenstiller olhou ao seu redor, como se procurasse algo que o valesse naquele instante de suprema aflição. Viu a igreja, viu a cruz lá no alto, mas viu, também, uma estaca de madeira na grama da pracinha.

— As chaves do jipe... — disse, febril, ao carcereiro.

— Klauss costuma deixá-las no veículo... Algo errado, professor?

O homem olhou para o céu e viu a lua cheia brilhante e sinistra. Correu para o jipe e ligou o motor. O carcereiro se aproximou, intrigado.

— Algo errado, professor?

— Deus queira que não — respondeu partindo.

Não houve sequer um mau pensamento que não houvesse torturado os pensamentos dele, enquanto os faróis iluminavam ainda mais a estrada. Rezou para estar errado em seus pressentimentos. Rezou para encontrar Larah e Klauss trocando juras apaixonadas em algum sitio aprazível ali por perto.

Renegou tudo o que lera no maldito livro. Suplicou a Deus e ofereceu-se ao demônio para que nada acontecesse.

Repentinamente, as luzes incidiram sobre dois corpos que se espojavam sobre a relva. O professor freou o veículo e ficou olhando, alucinado, a terrível visão. Espasmos agonizantes abalavam o corpo de Klauss, enquanto Larah, como um animal assanhado, agitava-se sobre ele, a boca colada ao seu pescoço.

— Larah — berrou o professor, saltando do jipe.

Ela ergueu a cabeça. As presas se arreganharam avermelhadas pelo sangue que lhe escorria pela boca.

— Valei-me, meu bom Deus! — exclamou o professor, estarrecido.

Larah ergueu-se, nua e feroz, correndo para ele.

— Larah, sou eu, seu pai! — gritou ele, quando ela se atirou no ar, como que voando, as presas rebrilhando, tintas de sangue, um grunhido animalesco escapando de sua garganta.

Seus corpos rolaram na poeira. O professor segurou com força a cabeça dela, impedindo-a de cravar os dentes em seu pescoço.

A força de Larah era descomunal e demoníaca. Hilgenstiller não conseguiria evitar seu trágico destino por muito tempo.

Rolando caíram numa vala à beira da estrada. Espinhos cravaram-se às costas do professor e o cheiro de seu sangue inquietou ainda mais a vampira.

Ele firmou seus pés contra ela e empurrou-a para longe. Ao tentar se levantar, desequilibrou-se e procurou apoio num galho seco, que cedeu, deixando entre seus dedos um pedaço de madeira lascada.

Larah grunhiu novamente, erguendo os braços, os olhos chamejando, o corpo nu retorcido como o de uma aranha prestes a envolver sua vítima.

Hilgenstiller se pôs em pé e olhou fascinado e aterrorizado o pedaço de madeira em sua mão. Depois olhou Larah, banhada agora pelas luzes dos faróis. Seu coração de pai hesitou, mas sua razão gritava-lhe que não era Larah, não era sua filha bem amada, mas um monstro que merecia ser exterminado.

Um espasmo percorreu o corpo da garota, que se lançou novamente sobre ele. Hilgenstiller firmou a madeira em suas mãos, escorando o salto da filha.

Sentiu o galho lascado e pontiagudo dilacerar as carnes da jovem, fazendo o sangue jorrar contra o seu peito. Os olhos dela se arregalaram e um urro ecoou pelo campo.

— Filha, perdoe-me! — chorou ele, abraçando-a em desespero.

## CAPÍTULO 8

As lágrimas que rolavam de seus olhos o impediam de ver com clareza o trabalho do coveiro, arremessando pá após pá. O barulho oco e lúgubre de terra batendo contra o ataúde cessara e apenas um som macio como um adeus se ouvia.

Não longe dali, a mesma cena se repetia, enquanto sepultavam Klaus. Aquele pesadelo terrível chegaria ao fim, mas jamais se apagaria de sua mente.

Ter a filha agonizante em seus braços, estrebuchando como um animal ferido, rasgando-o ainda com suas unhas ferinas, como se, no último momento, ainda demonstrasse um ódio absurdo contra aquele que lhe dera a vida.

Sim, Hilgenstiller jamais se esqueceria daquilo. Aquela tragédia estaria em sua alma, torturando-o, até o fim de seus dias.

Fora terrível para seu coração de pai submeter a filha àquela humilhação, após sua morte, mas não houvera outra maneira de convencer a população.

Dissera a todos que o lobo maldito e perseguido havia atacado o casal. Era o mais lógico, o mais acessível. Dissera que lutara contra o lobo, conseguindo, Deus sabia como, afugentá-lo. Tinha as marcas das unhas de Larah em seu corpo para provar sua história.

Todos pareceram acreditar e aceitar sua versão. Talvez precisasse aceitar aquilo como única maneira de evitar um temor maior que estava incrustado em suas almas.

Hilgenstiller se deixava corroer pela dor. Roubar a vida da filha não lhe parecerá seu direito, mas ainda hesitava ante sua dedução.

Não teria Larah morrido naquela noite no castelo, quando o vampiro a mordera? Após isso não teria sido apenas um cadáver ambulante e contaminado, seguindo sua triste e trágica sina?

Mas Larah estava morta de qualquer maneira. Seu verdadeiro assassino era aquele monstro que vira no castelo. Não descasaria até se certificar disso.

Era um juramento que fazia ali, no túmulo da filha, enquanto orava pela sua alma atormentada.

Finalmente nada mais havia a ser feito. A cruz foras encravada sobre a terra. No dia seguinte os pedreiros viriam para erguer um túmulo de concreto.

O professor fez o sinal da cruz e enxugou os olhos vermelhos. Caminhou até o túmulo de Klauss. Cravara em seu coração uma estaca de madeira, livrando-o da maldição. Era justo.

Rezou uma prece por ele, depois deixou o cemitério. Não tinha rumo, não tinha destino. Era um ser atormentado pela dor e por um remorso que teimava em permanecer em seu coração.

— Professor! — chamou-o uma voz.

Voltou-se e viu aquele velhote misterioso com quem já falara. Aproximou-se dele.

— Eu o avisei, professor! Eu sabia que isso aconteceria.

— Vá para o inferno, velho! Que o demônio o leve! — murmurou Hilgenstiller, profundamente cansado.

Entardecia. O sol se pondo incidia sobre o castelo maldito, iluminando suas ameias e seteiras semidestruídas. Os olhos do professor brilhavam. Precisava voltar àquele lugar infernal.

— Professor, sei que procura o velho cemitério...

Hilgenstiller o olhou com interesse.

— Mas qual deles procura, professor?

— Como assim, velho maluco?

O outro riu matreiramente, exibindo as gengivas esbranquiçadas e os dentes podres.

— Há dois... Mais estou certo que procura o cemitério sem cruzes... — sorriu.

— O cemitério sem cruzes?

— O sítio maldito dos Drácula, não é isso que procura?

— Você sabe onde achá-lo?

— você vai lá?

— Que o fogo do inferno devore minha alma se não for — jurou Hilgenstiller.

\*\*\*

Torg estava encolhido num canto da sala, enquanto Drácula lia o último dos livros que o corcunda trouxera. O vampiro levantou, então, os olhos maravilhados para o servo.

— Torg! — chamou. — Sabe dirigir essas maravilhas que são chamadas de automóveis?

— Sim, mestre. Aprendi há muitos anos, na Alemanha.

O vampiro baixou os olhos para o livro, depois o fechou e o empurrou para o chão. Respirou fundo, depois voltou a encarar Torg.

— Você vai comprar uma delas, Torg. Precisamos para transportar o tesouro.

— O mestre se lembrou...

— Sim, sei onde está. À medida que minhas forças se recuperavam com o sangue das ovelhas, minha memória antiga voltava. Sei perfeitamente onde está e irei lá apanhar o suficiente para que compre um automóvel. Quero o melhor. Sempre quis o melhor.

— Sim, mestre, tudo que ordenar.

— Trarei uma jóia. Você partirá e a venderá. Comprará a maravilha mecânica e me encontrara no antigo cemitério dos Drácula. Sabe onde fica, não?

— O tesouro está lá? Sempre esteve lá?

— Sim, sempre esteve lá, Torg — sorriu o vampiro, erguendo-se e deixando a sala.

\*\*\*

Calafrios intensos percorriam o corpo do professor, enquanto a lua cheia clareava aquele estranho e assustador lugar. Túmulos enormes, cobertos de ervas, semi destruídos, ostentando um luxo faraônico. Nenhuma cruz havia à vista.

Por algum tempo vagou por entre as construções, até que se desse conta do que fizera. Já era noite alta. Ergueu os olhos. O castelo ameaçador estava lá, a duas ou três milhas dali. Por isso ninguém soubera ou comentara sobre o local. Ninguém se aventurava a passar por ali perto.

Voltou a olhar as construções. O tesouro indicado no livro estaria por ali, em alguma parte, mas era tarde para procurá-lo.

Fora uma imprudência, talvez, ter vindo, mas não medira as conseqüências quando soubera do local. Precisava e queria conhecer o local. Agora que o sabia, poderia voltar no dia seguinte e investigá-lo com calma.

Caminhou, então, na direção da saída. Todo o cemitério sem cruzes era cercado por um muro de pedras que o tempo não conseguiria destruir.

Apenas a madeira do portão cedera com a passagem dos anos, apodrecendo e despencando. Hilgenstiller olhou mais uma vez na direção do castelo, depois apressou o passo.

Um ruído sinistro, assim como o voar assustador de centenas de pássaros, o fez voltar a cabeça. Qualquer coisa demoníaca passou sobre ele, indo pousar sobre o muro.

Um estremezimento maior percorreu seu corpo ao olhar o enorme morcego pousado sobre a pedra. Jamais vira animal daquele tamanho.

Subitamente, uma fosforescência envolveu a ave agourenta, fazendo-a transparente como uma névoa. Ela escorregou para o chão e tremeu, até ganhar novos contornos.

Hilgenstiller recuou, reconhecendo aquele vulto amaldiçoado. Persignou-se instintivamente, tentando correr, mas se sentiu pregado ao chão.

A brisa bateu contra a capa de Drácula, fazendo-a esvoaçar como as asas de um abutre.

— Eu conheço você — disse o monstro num tom de voz que pareceu cordial ao professor.

A surpresa e o medo se misturaram. Não podia se deixar enganar. Precisava se afastar dali.

— Como está sua filha? — indagou Drácula, caminhando lentamente para o professor.

— Afaste-se de mim, animal do inferno, monstro das profundezas, besta da noite... — ordenou o professor, a voz embargada pelo pavor que gelava seus nervos.

— O que faz aqui?

Hilgenstiller pensou em Larah, em seu terrível suplício, em Klaus. Eram todos vítimas daquele ser doentio e desalmado que caminhava para ele.

— Afaste-se de mim! — gritou novamente o professor, recobrando os movimentos e a coordenação de seu corpo.

Ele correu, então, como jamais julgara poder correr. O hálito do demônio parecia bater contra sua nuca, enquanto corria. Arriscou olhar para trás. Viu apenas o muro do cemitério e nada mais, como se tudo aquilo não tivesse passado de um pesadelo. Seu corpo, no entanto, já não obedecia



ao seu comando e correr era a única coisa que poderia fazer. Rasgou-se em galhos, rolou sobre pedras, tropeçou em troncos, comeu poeira em cada queda, mas julgou haver deixado o monstro muito atrás quando parou para tomar fôlego.

Apoiou-se a uma pedra. Diante dele, aquela fosforescência brilhou novamente e uma névoa transparente ganhou contornos negros e ameaçadores. Uma gargalhada animalesca e sádica fez arrepiar o corpo do professor.

Era como se Drácula encontrasse um secreto prazer em torturá-lo com aquela perseguição implacável.

— Vá embora! — gritou o professor, começando a correr novamente.

Drácula não se desvaneceu daquela vez e apenas caminhou em sua perseguição, como se estivesse seguro que o cansaço abateria aquela velha caraça e colocaria o professor a sua mercê.

Hilgenstiller viu-se diante de uma vala e, em sua corrida, não teve um segundo apenas para decidir. Atirou-se, tentando atravessá-la, mas escorregou no outro lado, rolando mais uma vez sobre pedras e troncos.

A gargalhada sinistra e macabra mais uma vez gelou seu sangue e ele viu o vulto sinistro de Drácula caminhar em sua direção.

Subitamente, o monstro se contorceu, abaixando-se como se algo houvesse prendido seu pé. Um urro bestial e rouco escapou de seus lábios, enquanto se debatia, o tornozelo preso em uma armadilha para lobo.

Hilgenstiller sabia que era sua chance, mas não tinha mais forças. Tateou o chão à procura de dois galhos. Retirou o cinto de sua calça e prendeu os dois, formando uma cruz, a única defesa que poderia lhe valer.

Cravou-a diante de si, depois sentiu o mundo girar ao seu redor. A última coisa de que se lembrou ter visto foi a fosforescência de novo e um grande morcego esvoaçando sobre ele, depois sobre o cemitério sem cruzes e, finalmente, na direção do castelo.

Quando acordou, era dia. O sol projetava a sombra da cruz improvisada diante dele e alguns pássaros cantavam nas árvores ali perto.

Ergueu-se com dificuldades. Suas roupas estavam rasgadas e havia diversos ferimentos em seu corpo. Era um milagre estar vivo. Havia lobos devorando naquela noite alucinante.

Olhou a cidade ao longe, depois o castelo. Lembrou-se de ter visto o morcego voar naquela direção. Drácula estava em seu antigo reduto e, durante o dia, poderia ser destruído.

Como encontrá-lo, porém, era algo em que não conseguia pensar. Ouviu tiros e gritos distantes, nas imediações do castelo, mas não teve certeza disso. Dirigiu-se apressadamente para a cidade. Quando lá chegou, foi recebido com admiração e espanto pelos homens que se amontoavam diante da prefeitura.

— O que está havendo? — indagou ao prefeito, que conhecera uma noite, na estalagem.

— Parece que alguns caçadores decidiram vingar Klauss e sua filha, professor. Eles encurralaram um enorme lobo no castelo abandonado. O lobo sumiu em seu interior e não sabem como expulsá-lo de lá.

Uma buzina estridente soou na rua, fazendo as pessoas abrirem espaços. Hilgenstiller olhou o caminhão-tanque que passava, com gasolina para o posto. Era um tanque pequeno. Kizna não possuía muitos veículos e um carregamento daqueles deveria suprir a cidade por um mês.

— Eu sei como destruir aquele lobo e tudo mais que infesta esta cidade, prefeito.

— Se sabe, diga-nos. Não mediremos esforços ou despesas para acabar com esse pesadelo que nos assola...

Hilgenstiller correu para o caminhão-tanque, fazendo-o parar.

— Sua gasolina está à venda, não é?

— Mas é para o posto...

— Desça e deixe-me dirigir. Terá o dinheiro da gasolina. Quanto ao resto, estou certo que a cidade concordará...

— Mas é que eu...

— Saía! — ordenou Hilgenstiller, abrindo a porta e puxando-o para fora.

Tomou lugar na boleia e manobrou o caminhão, rumando para a saída da cidade.

— Ao castelo! Vamos destruir aquele demônio — gritou, enquanto a multidão o perseguia, curiosa com sua iniciativa e sedenta de vingança.

O professor levou o caminhão até as proximidades da ponte levadiça. Desceu e pediu ajuda. Havia duas mangueiras no caminhão que, emendadas entraram pelo pátio, levadas por um mais corajoso.

Sua ponta foi jogada no interior da sala principal do castelo. Hilgenstiller abriu a válvula e deixou escorrer toda a gasolina. O ar se tornou irrespirável. Um cheiro nauseabundo tomou conta do local. As pessoas se afastaram, assustadas com o perigo. Ele nada temia, sabia o que fazia e o que pretendia destruir.

Quando a gasolina se esgotou no tanque, Hilgenstiller pediu que alguém levasse o caminhão dali. O veículo se afastou, arrastando a comprida mangueira.

Alguém entendeu que ele pretendia e surgiu com uma tocha. Ele a empunhou, pensou em Larah, em Klauss, em Niita e na esposa daquele camponês. Depois, arremessou-a com todas as suas forças para o pátio do castelo.

Houve um instante de suspense em que a tocha pareceu queimar inutilmente. Subitamente, num ruído assustador, o fogo se elevou abruptamente, expulsando as pessoas dali. O local se transformou num inferno. De um ponto seguro, o professor observava a fumaça. Parecia ver nela o vulto sinistro e macabro do vampiro.

Que o fogo, que tudo purifica, o destruisse para todo o sempre!

**FIM DO LIVRO DOIS**

## **L P Baçan - O Mago das Letras**

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

**[www.acasomagodasletras.net](http://www.acasomagodasletras.net)**